

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
MESTRADO EM FILOSOFIA

JEFERSON FORNECK

**A QUESTÃO FILOSÓFICA DO SUICÍDIO EM ALBERT CAMUS:**  
*A revolta enquanto resistência ao absurdo*

Porto Alegre  
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

F727q Forneck, Jeferson

A questão filosófica do suicídio em Albert Camus : a revolta enquanto resistência ao absurdo / Jeferson Forneck. – 2022.

78 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza.

1. Albert Camus. 2. Absurdo. 3. Suicídio. 4. Revolta. 5. Contemporaneidade. I. Souza, Ricardo Timm de. II. Título.

JEFERSON FORNECK

**A QUESTÃO FILOSÓFICA DO SUICÍDIO EM ALBERT CAMUS:**  
*A revolta enquanto resistência ao absurdo*

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em Filosofia da  
Escola de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

Porto Alegre  
2022

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

(Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza - Orientador)

---

(Prof. Dr. André Brayner Farias)

---

(Prof. Dr. Evandro Pontel)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho à todas pessoas amantes da filosofia, que acreditam na reflexão enquanto forma de modificação de sociedade. Dedico essa dissertação à minha família que sempre me deu suporte para seguir estudando e representando a comunidade nas esferas acadêmicas. Dedico esse trabalho à todas pessoas que passam pela depressão e pelas pessoas que já passaram ou passam pelo dilema do suicídio, estou militando pela vida e por alternativas para afirmar cada vez mais a pessoa e valorizar a vida humana.

Por fim, dedico os escritos realizados às pessoas com deficiência, pois represento esse grupo de pessoas sendo deficiente visual e posso afirmar que estamos juntos nesse caminho e na militância de valorização da vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida. Muito obrigado Maria Cristina Forneck, minha mãe e Aloísio Inácio Forneck, meu pai, por me gerarem e criarem. Agradeço ao meu irmão Cristian Rodrigo Forneck, por me ajudou ao longo do tempo, junto de meus pais, nos momentos mais importantes, turbulentos, alegres e decisivos. Agradeço muitíssimo o testemunho de cada um de vocês, pelo sentido e significado que possuem para mim. Agradeço por serem as pessoas que são. Muito obrigado por me ensinar sobre a filosofia vivencial e a importância de questionar as “verdades absolutas”. Sou quem sou graças àquilo que vocês me deram de suporte nas fases iniciais da vida.

Agradeço o encorajamento dado pelos professores, desde o momento de alfabetização, em 2005, até o momento da escrita da seguinte dissertação. Agradeço aos colegas e amigos que percorreram a caminhada de estudante até o momento.

Agradeço ao colega filósofo e amigo Pedro Antônio Gregorio de Araujo. É a primeira pessoa que me indicou a leitura d’*O estrangeiro* de Albert Camus. Pedro sempre foi um encorajador de seguir na pesquisa e apontar as possibilidades de pesquisa filosófica a partir das análises literárias da filosofia francesa. Pedro apresentou formas alternativas de pesquisa e diferentes análises em relação à filosofia francesa e à literatura.

Por fim agradeço ao professor Dr. Ronel Alberti da Rosa, pelo testemunho de vivência e engajamento filosófico. Foi um grande entusiasta e apresentou várias leituras interessantes sobre as aproximações das artes com a filosofia. Agradeço pelo ser humano que é e por tudo que significa em minha jornada filosófica. Agradeço ao professor Dr. Agemir Bavaresco pelo auxílio no período do projeto de iniciação científica em 2019. Foi um grande auxílio na formulação de escrita e conhecimentos específicos da filosofia moderna. Estendo meu agradecimento ao professor Dr. Ricardo Timm de Souza, por orientar desde o período de elaboração do TCC até chegar ao término do mestrado. Gratidão pelas boas leituras e diferentes interpretações dadas em relação ao tema estudado. Agradeço imensamente o aceite dos avaliadores da banca, professor Dr. André Brayner Farias e professor Dr. Evandro Pontel.

Meu muito obrigado a todas as pessoas que passaram e passarão por minha jornada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*“Sede um filósofo, mas, no em meio de toda vossa filosofia, sede sempre um homem.”*

*HUME, David*

**Resumo:** O presente trabalho busca intensificar os conhecimentos sobre os escritos de Albert Camus (1913-1960). São analisados os conceitos desenvolvidos pelo autor sobre o absurdo, o suicídio e a revolta. A partir da presente análise investiga-se o contexto histórico pelo qual o autor d´*O mito de Sísifo* se encontra. Camus é um escritor de seu tempo, preocupado com a condição humana do século XX. Através do seguinte trabalho investiga-se nos ensaios e romances do autor a contribuição frente à realidade absurda. Destacam-se no primeiro ciclo de seu pensamento, denominado ciclo do absurdo, o ensaio *O mito de Sísifo* e o romance *O estrangeiro*. Nesse período o autor se encontra em sua juventude intelectual, ele destaca o absurdo e a solidão em meio à existência. O segundo ciclo do pensamento é destacado pelas obras *O homem revoltado* e *A peste*. No segundo ciclo do pensamento o autor passa do pensamento individual ao pensamento coletivo e engajado sobre a vida. Percebe-se uma grande aproximação de Camus com a literatura. Estabelece-se uma análise a partir dos conceitos desenvolvidos pelo autor, com ênfase na contribuição de seus escritos ao século XX. Por fim, é possível identificar em Albert Camus um autor de sua época engajado com aquilo que oprime o ser humano, além de possibilitar uma contribuição relacionada a uma chave de leitura para o século XXI.

**Palavras-chave:** Albert Camus; absurdo; suicídio; revolta; contemporaneidade.

**Abstract:** The present work seeks to intensify the knowledge about the writings of Albert Camus (1913-1960). The concepts developed by the author about the absurd, suicide and revolt are analyzed. From the present analysis, the historical context in which the author of *The myth of Sisyphus* finds himself is investigated. Camus is a writer of his time, concerned with the human condition of the 20th century. Through the following work, the contribution to the absurd reality is investigated in the author's essays and novels. In the first cycle of his thought, called the cycle of the absurd, the essay *The myth of Sisyphus* and the novel *The Stranger* stand out. In this period the author is in his intellectual youth, he highlights the absurdity and loneliness in the midst of existence. The second cycle of thought is highlighted by the works *The rebel* and *The plague*. In the second cycle of thought, the author moves from individual thinking to collective and engaged thinking about life. We can see a great approximation of Camus with literature. An analysis is established based on the concepts developed by the author, with emphasis on the contribution of his writings to the 20th century. Finally, it is possible to identify in Albert Camus an author of his time engaged with what oppresses the human being, in addition to enabling a contribution related to a reading key for the 21st century

**Keywords:** Albert Camus; absurd; suicide; revolt; contemporaneity.

**Resumen:** El presente trabajo busca intensificar los conocimientos sobre los escritos de Albert Camus (1913-1960). Se analizan los conceptos desarrollados por el autor sobre el absurdo, el suicidio y la revuelta. A partir del presente análisis se investiga el contexto histórico por el cual el autor de *El mito de Sísifo* se encuentra. Camus es un escritor de su tiempo, preocupado con la condición humana del siglo XX. A través del siguiente trabajo se investiga en los ensayos y en las novelas del autor la contribución ante la realidad absurda. Se destacan en el primer ciclo de su pensamiento denominado ciclo del absurdo, el ensayo *El mito de Sísifo* y la novela *El extranjero*. En ese periodo el autor se encuentra en su juventud intelectual, él destaca el absurdo y la soledad en medio a la existencia. El segundo ciclo del pensamiento es destacado por las obras *El hombre rebelde* y *La peste*. En el segundo ciclo del pensamiento el autor pasa del pensamiento individual al pensamiento colectivo y comprometido sobre la vida. Se percibe una gran aproximación de Camus con la literatura. Se establece un análisis a partir de los conceptos desarrollados por el autor, con énfasis en la contribución de sus escritos al siglo XX. Por fin, es posible identificar en Albert Camus un autor de su época comprometido con lo que oprime el ser humano, además de posibilitar una contribución relacionada a una clave de lectura para el siglo XXI.

**Palabras clave:** Albert Camus; absurdo; suicidio; revuelta; contemporaneidad.

## Sumário

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>2. O ABSURDO EM ALBERT CAMUS.....</b>	<b>17</b>
2.1 O suicídio conforme Albert Camus .....	19
2.2 As contradições perante a existência .....	29
2.3 Albert Camus e a atitude de suicídio.....	31
2.4 A liberdade absurda e seus paradoxos .....	33
<b>3 CONCEITO DE REVOLTA .....</b>	<b>37</b>
3.1 A revolta no meio social .....	37
3.1.1 Revolta e reconhecimento .....	42
3.1.2 Revolta e suas ramificações .....	45
3.2 Aproximação entre mitologia e empatia .....	47
3.2.1 <i>A Peste</i> enquanto fenômeno filosófico.....	48
3.2.2 O absurdo n' <i>O estrangeiro</i> .....	49
3.3 O PERSONAGEM ABSURDO.....	50
<b>4 ARTE PARA CAMUS .....</b>	<b>54</b>
4.1 O PAPEL DA ARTE PARA CAMUS .....	57
4.2 ABSURDO E LITERATURA .....	59
4.2.1 A filosofia e o ato de criação absurda .....	60
4.2.2 Don-juanismo.....	63
4.3 <i>A PESTE</i> E A DENÚNCIA DE ALBERT CAMUS .....	66
4.4 SÍSIFO COMO RESPOSTA AO ABSURDO .....	68
4.4.1 Prometeu enquanto sinal de revolta e resistência.....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>76</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Urge o fenômeno da morte e a necessidade de dar espaço ao debate sobre a condição da morte voluntária. A preocupação do trabalho em sequência diz respeito ao tema do suicídio. Essa condição, do suicida é analisada, pois extrapola a condição da morte voluntária e torna-se preocupação e tema de pesquisa ao trabalho realizado. O suicídio não é um fenômeno isolado. Tal atitude diz respeito há uma série de marcadores negativos que à conclusão do suicida de que a vida deixou de valer a pena ser vivida.

O núcleo do trabalho consiste em estabelecer uma análise sobre fenômeno do suicídio, sem estabelecer juízos sobre o suicida, mas promover uma análise conceitual do fenômeno. São buscadas alternativas de continuidade de vida em meio à condição absurda pela qual a pessoa está inserida. O ato de optar pela vida é a motivação da pesquisa. Isso se dá a partir da alternativa proposta por Albert Camus (1913-1960). A pesquisa é articulada e fundamentada a partir da análise dos conceitos estabelecidos pelo autor e as respectivas consequências do absurdo na vida das pessoas no século XX.

A intenção é ratificar aquilo que leva o sujeito a optar pela vida em meio às condições de sofrimento pelas quais está inserido. A filosofia, conforme Albert Camus, possibilita uma reflexão sobre as condições absurdas e os meios de resistência em meio à tais condições. Os fundamentos apresentados pelo autor são de extrema importância para intensificar a opção pela vida em meio ao dilema humano e existencial do suicídio, analisado sob o prisma filosófico. Estudar o absurdo é de suma relevância pelo fato de permitir explicitar a questão do suicídio e suas implicações na existência humana.

Na presente pesquisa busca-se desenvolver uma reflexão fundamentada a partir da vida, do mundo da vida das pessoas e sua condição hodierna. Não se permanece somente em abstrações, mas com reflexões com a possibilidade de servir como suporte às pessoas leitoras de tal trabalho. Busca-se, a partir desse trabalho, clarificar os conceitos de absurdo e suicídio para culminar na atitude da revolta. Essa atitude é um ato de resistência e possibilita a fundamentação da opção pela vida. Com isso a pessoa passa a extrair ao máximo as possibilidades em meio à realidade absurda pela qual está emaranhada.

A dimensão filosófica das obras do autor franco-argelino é utilizada para fundamentar a teoria desenvolvida. Camus é jornalista, ensaísta, romancista, escritor de peças de teatro e filósofo. A partir dos escritos do autor e dos seus posicionamentos, é possível apresentar as aproximações do autor com o seu tempo e associado à sua realidade. O conceito do absurdo é

explicitado e a partir desse conceito estabelecem-se as reflexões sobre o absurdo. Conforme as análises realizadas, fundamentam-se as reflexões sobre as possibilidades de opção pela vida em meio ao dilema do suicídio.

Conforme citado acima, o filósofo escreve às pessoas de sua época e seu pensamento sobre o absurdo é desenvolvido em contextos da primeira e segunda guerra. Ele sente a ausência do pai, em decorrência de um ferimento mortal em um dos primeiros combates da primeira guerra mundial. A miséria do século XX em contexto de guerra é percebida por Camus e causa impressões impactantes e reflexões emblemáticas em relação à existência e a condição humana. Com a contextualização do autor são abordadas as temáticas desenvolvidas em seus romances e ensaios filosóficos.

Explicita-se também o conceito de arte explicitado pelo autor. A arte é uma forma de estabelecer a vida em meio ao absurdo. O filósofo analisado desenvolve a arte a partir de romances com proximidades na realidade das pessoas. Desse modo a associação com os temas da realidade são reforçadas, pois tornar acessível a filosofia é possibilitar aos leitores uma reflexão crítica sobre a realidade. O autor afirma que o papel da arte possui importância, pois contribui para que o absurdo seja suportável.

A possibilidade da criação artística possibilita maior representação em relação à realidade das pessoas. Tal representação proporciona possibilidades de restabelecimento em meio à vertigem da realidade. Através de um quadro ou de um romance o absurdo se desvela e possibilita suporte para o enfrentamento da realidade e a opção pela vida. Diante da tragédia, da fome, da miséria e das mortes injustificadas pelas guerras o sujeito cria possibilidades de enfrentar a realidade absurda. Mesmo diante dessa realidade a filosofia se faz presente para intensificar a importância da reflexão crítica em meio ao contexto vivido.

Analisa-se também a passagem de ciclos de pensamento do autor. O primeiro ciclo, o ciclo da juventude, diz respeito ao pensamento relacionado ao absurdo. Essa fase refere-se ao *O mito de Sísifo* e ao *O estrangeiro*. Nesse ciclo o autor se refere à solidão das pessoas em meio ao caos da realidade. Já o segundo ciclo, o da maturidade intelectual, concerne à revolta e aos processos coletivos de resistência. Esse período diz respeito às obras *O homem revoltado* e *A peste*.

*O estrangeiro*, do primeiro ciclo do pensamento do autor, retrata o cotidiano absurdo. O autor é sutil em representar através do romance a realidade absurda dos personagens. Com isso ele corrobora na imagem do personagem Meursault, um sujeito consciente do absurdo e absurdo pela sua resignação. A consciência do personagem está presente na obra a partir da constatação de que o absurdo ocorre em todo lugar do mundo. Para o personagem, não adianta

mudar de país, o absurdo acompanha o sujeito. Independe o lugar no qual a pessoa está. O absurdo acompanha as pessoas devido a incoerência entre o intelecto humano, a necessidade de clareza e o universo do jeito inexorável que se apresenta.

No segundo ciclo pode-se situar o romance *A peste*. Em tal escrito o filósofo e ensaísta corrobora a noção de engajamento coletivo frente ao absurdo da epidemia em Orã, cidade da Argélia. No presente ciclo o autor passa da absorção de experiências individuais e de forma quantitativa à luta pela vida de forma coletiva e engajada. A consciência sobre o absurdo leva as pessoas a uma atitude, e tal atitude é a da revolta.

Destaca-se o ensaio *O homem revoltado*, no qual o autor franco-argelino desenvolve um ensaio sobre a revolta. Diante da solidão do sujeito em meio ao *cosmos* as pessoas se tornam solidárias em virtude da propagação da vida. A luta pela reivindicação de direitos é percebida e isso remete à uma reflexão sobre resistência e justiça. O maior abalo é o abalo que o engajamento coletivo pode ocasionar na realidade absurda de opressão. Portanto, Camus destaca em toda sua obra uma reivindicação por justiça.

O desenvolvimento do pensamento sobre o absurdo leva à atitude da revolta e ao engajamento coletivo. Destaca-se a passagem do pensamento individual sobre o absurdo à passagem ao engajamento coletivo de revolta e propagação da vida. Refletir a cerca do pensamento do autor, consiste em seguir o itinerário filosófico que inicia na solidão da pessoa no mundo e culmina em ações coletivas, conscientes e de resistência em meio às opressões da realidade.

O autor d'*O mito de Sísifo* considera que o absurdo só existe pela contradição existente entre a racionalidade humana e a incoerência do mundo. Isso fundamenta a ideia de que os desejos e aspirações humanas não são alcançáveis devido as limitações do mundo. Existe um limite daquilo que é possível. Camus percebe que isso ocorre no universo dos humanos por causa da necessidade de clarificar e a necessidade de ter coerência em meio à complexidade do universo. É necessário enfrentar o absurdo com resistência, pois o absurdo só deixa de existir por causa da morte. A experiência da morte finda com o absurdo e a qualquer possibilidade de restabelecimento e resistência da pessoa que morre. O absurdo só existe pela contradição entre intelecto humano e o universo.

Para o autor d'*O mito de Sísifo* crer em Deus é uma apelação do sujeito que limita sua vida a uma espera por recompensa após a morte. É necessário enfrentar o absurdo com resistência e não com apelação para haver uma recompensa pós-morte. Com isso, ele

estabelece uma crítica relacionada aos metafísicos<sup>1</sup>, pois “apela” para uma recompensa e deixa de viver a vida da forma que se apresenta, com as possibilidades de restabelecimento.

O restabelecimento faz parte da atitude do sujeito em relação ao absurdo, essa noção faz parte da presente pesquisa. Camus utiliza no primeiro ciclo de seu pensamento a imagem de Sísifo como alegoria e figura linguística do absurdo. O personagem da mitologia grega é condenado a rolar uma pedra ao cume da montanha durante os dias da vida que lhe restam. Sísifo é emblemático em relação à sua condenação, pois possui diante de si a desgraça de ver a pedra rolar até a planície todo fim de dia. Sísifo é o personagem absurdo, pois está resignado frente ao absurdo. O restabelecimento ocorre a partir da consciência relacionada ao absurdo. O mesmo conceito é o divórcio entre a racionalidade humana e aquilo que o *cosmos* apresenta. O absurdo não se dissocia da vida das pessoas e esse é o ponto emblemático da vivência do absurdo.

O restabelecimento se dá a partir da consciência relacionada ao absurdo e suas respectivas consequências. A condição trágica da vida é percebida e sua curta duração faz com que o sujeito se esforça em aproveitar ao máximo as possibilidades existentes. A quantidade está presente no conceito do absurdo, pois possibilita a propagação de experiências e, por consequência, a propagação de experiências é a propagação da vida.

No primeiro ciclo do pensamento do escritor d’*O estrangeiro* a consciência do absurdo leva o sujeito ao acúmulo de experiências. Ele é um filósofo de seu tempo e se preocupa com temas de sua realidade. Com isso ele escreve para pessoas de seu tempo de forma sucinta, lúcida e sintética. O romance é utilizado como chave de leitura e forma de aproximar a filosofia da vida das pessoas. Seus romances dialogam muito com a realidade de sua época. Por isso acredita que a arte e a criação absurda possuem papel fundamental no cotidiano absurdo de sua realidade.

Analisa-se no decorrer da presente pesquisa a passagem de ciclo do pensamento do autor. Os ciclos de pensamento não são estancados, há um diálogo entre o ciclo do absurdo e o ciclo da revolta. A revolta é a continuidade madura da reflexão sobre o absurdo. A revolta é uma atitude que leva as pessoas à opção pela vida, tendo em vista o objetivo central do trabalho de ratificar a atitude filosófica das pessoas em meio ao absurdo e dilema filosófico do

---

<sup>1</sup> Os metafísicos, pelos quais Camus desenvolve sua crítica, diz respeito à Leon Chestov, Carl Jaspers e Soren Kierkegaard. Eles consideram o salto da fé como possibilidade como justificativa ao sofrimento humano e advogam por causa de seu Deus. Camus considera que dar o salto da fé é abdicar do pensamento humano e acreditar em uma recompensa após a morte. O pensador franco-argelino considera que o suicídio pode ser filosófico e ele ocorre também na forma de apelação e de abdicar a faculdade de pensar em nome de uma entidade metafísica superior, vida após a morte ou até mesmo uma ideia vazia.

suicídio. Essa atitude é a de revoltar-se e proporcionar engajamento coletivo em relação à vida e às opressões que operam na sociedade.

Por fim, a revolta é a atitude do sujeito consciente de que foi violado e de que a situação absurda precisa ser vivida para ter uma atitude coletiva e engajada na vida. A revolta é o momento do “já basta” que tenciona a relação com algo com aquilo que se concordava. A revolta é a atitude do sujeito ao perceber-se violado. O momento de reunir todas suas forças para lutar pela vida. O revoltado opta pela vida, pois é consciente do absurdo e busca abstrair ao máximo das possibilidades possíveis. A propagação da vida se dá a partir da consciência relacionada ao absurdo que impulsiona os sujeitos à atitude da revolta.

## 2. O ABSURDO EM ALBERT CAMUS

Urge o conceito indicado por Albert Camus. O “absurdo” hodiernamente é identificado em meio a uma realidade circundada por uma pandemia na qual grande parte da população mundial não esperava. Diante de tal perspectiva, destaca-se a preocupação com a condição humana frente da realidade absurda. O autor d’*O mito de Sísifo* inicia a obra com uma frase extremamente emblemática. “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.”<sup>2</sup> Percebe-se que a partir de tal frase o autor está confrontado com o dilema existencial de julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. O autor, confrontado com o presente dilema, estabelece um ensaio filosófico sobre o mesmo.

Conforme o autor franco-argelino, responder a questão primordialmente filosófica é estar diante do dilema do suicídio. Camus indica que diante de tal dilema é possível responder à questão primordialmente filosófica. “Albert Camus participou diretamente dos acontecimentos de seu tempo e, por meio da escrita, teceu uma crítica social ao Século XX.”<sup>3</sup> Destaca-se com o presente dado que o autor localiza-se em um período histórico no qual o mesmo não ignora as atrocidades que ocorrem naquele período.

“Galileu, que sustentava uma verdade científica importante, abjurou dela com a maior tranquilidade assim que viu sua vida em perigo.”<sup>4</sup> Em tal trecho o autor destaca que independente da verdade científica defendida, é possível abrir mão de muitas coisas. Ter consciência do preço a ser pago por uma verdade científica é realizar o questionamento sobre julgar se a vida vale ou não a pena. O momento sutil pelo qual a pessoa põe fim a sua vida é também o momento de conclusão de que a mesma não vale a pena ser vivida.

A motivação pela qual o autor se encontra é a de clarificar que a realidade é absurda, da maneira pela qual ela acontece. A análise do autor não se limita a isso, porém se debruça em oferecer possibilidades e hipóteses, pelas quais seja possível enfrentar a realidade absurda sem optar pela morte voluntária. No decorrer do presente trabalho analisa-se o conceito do absurdo e as consequências do mesmo pensamento.

---

2 CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**, 2019, p. 19.

3 DELLAGNEZZE, René. O estrangeiro, o existencialismo e a teoria do absurdo, no pensamento de Albert Camus. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, RS, XX, n. 164, set 2017. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-164/o-estrangeiro-o-existencialismo-e-a-teoria-do-absurdo-no-pensamento-de-albert-camus/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

4 CAMUS, 2019, p. 19.

Camus ao escrever não se distancia de seu período histórico e dos assuntos que assombram a mente das pessoas. Localizado em um período bélico e conflituoso, estabelece uma filosofia preocupada com os assuntos de sua época e propõe temas que servem como suporte conceitual para resistir em meio a tal período. Não obstante a realidade de guerra existe a preocupação em escrever sobre o suicídio e o momento pelo qual tal fenômeno é considerado uma solução às atrocidades presentes.

“No período em que Camus viveu na Argélia e na França (de 1913 a 1960), ocorreram marcantes mudanças políticas no plano mundial, dentre elas, duas guerras mundiais, formação de totalitarismos vinculados ao nazismo, ao fascismo e ao stalinismo.”<sup>5</sup> Com os presentes dados pode-se destacar a realidade complexa na qual o autor se encontra e diante disso surge a necessidade de estabelecer uma pesquisa e análise sobre aquilo que oprime a vida humana.

Com as guerras surgem diversas séries de atrocidades que problematizam a vivência em tal período. Não são destacados somente os conflitos bélicos. Ratificam-se os efeitos dos conflitos na sociedade pela qual o autor enxerga. Camus vislumbra diante de seus olhos a fome, a miséria, a falta de suporte humano e principalmente presencia uma série de mortes injustificadas no período de guerra. Ele se preocupa com a imensidão de biografias encerradas por conflitos políticos e de supremacia hegemônica.

Diante de tais preocupações o autor franco-argelino desenvolve o conceito de absurdo. Tal conceito se faz presente na literatura do primeiro ciclo de seu pensamento. Esse primeiro ciclo é referente ao período de juventude do autor. No mesmo período é possível descrever a proximidade dos escritos de Camus com o período no qual vive. Desenvolver uma literatura sobre o absurdo e a condição humana é ser próximo aos fatos de sua época e não negar os fatos.

O autor teve “uma infância miserável em Argel, [...] a tuberculose, que se declara precocemente e que, com o sentimento trágico que ele chama de absurdo infunde nele um desejo desesperado de viver.”<sup>6</sup> Conforme tal dado é possível descrever que a biografia de Camus não é dissociada de sua bibliografia. Percebe-se um profundo desejo de viver, mesmo diante de tudo que põe medo. Destaca-se a realidade pobre na qual o autor vivencia durante a infância.

---

5 FONSECA, Ludmilla Carvalho. O envolvimento e a ruptura de Albert Camus com o pensamento de sua época. **Revista Garrafa** (PPGL/UFRJ), v. Jul/Set 2013, p. 6.

6 PINTO, Manuel da Costa (2019) Introdução à edição original. In: CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019, p. 9.

Havia diversos desafios locais e particulares no desenvolvimento do pequeno Albert. Ele possui um irmão mais velho e é filho de mãe de origem espanhola e de pai francês.<sup>7</sup> Camus, em 1914, perde o pai que estava em uma batalha de Marne<sup>8</sup> no início da primeira guerra mundial. O presente dado é extremamente determinante no desenvolvimento e formação de Camus. Ele não se preocupa se seu pai foi um herói de guerra. O que importa é que vidas são perdidas de formas injustificadas. Quando possuem justificativas são absurdas, pois não possui sentido.

Os indícios da primeira guerra são fatos determinantes no desenvolvimento do autor. O pai de Camus morre em uma batalha, em Marne da guerra<sup>9</sup>. Tal fato propicia uma série de desafios, anteriormente inimagináveis. “A vida e a morte a todos une no mesmo destino, mas não pode deixar de verificar que cada vida e cada morte só pode ser um momento de cada um. Compreende-o observando às escondidas o cansaço solitário de sua mãe.”<sup>10</sup> Isso enaltece a necessidade de desenvolver o conceito de absurdo e tudo o que o mesmo significa na vida das pessoas.

## 2.1 A noção de suicídio

Diante do questionamento central presente no primeiro ciclo do pensamento de Camus destaca-se a preocupação com o suicídio. “Sempre se tratou o suicídio apenas como um fenômeno social, trata-se, para começar, da relação entre o problema individual e o suicídio. Um gesto desses se prepara no silêncio do coração.”<sup>11</sup> O autor destaca que existem conceitos prévios em relação ao suicídio, porém não é possível decifrar o momento exato em que o suicídio se torna solução ao absurdo. São experiências individuais.

Segundo Camus “começar a pensar é começar a ser atormentado.”<sup>12</sup> Isso pode ocasionar uma grande vertigem no ser humano. Pode ocasionar uma sensação de não pertencer à realidade que se vive. Por tal motivo o autor destaca o tormento do homem ao pensar. Ele salienta que é por meio do pensamento que surge a decisão sobre o dilema do

7 PINTO. In: CAMUS, 2019, p. 9.

8 Denominação dada pelos franceses, na batalha da Alemanha com a França, perto do rio Ourcq. Constitui numa série de conflitos interligados, numa frente de 160 quilômetros. Ambos os lados atacam, contudo a Alemanha sai favorecida. (STEVENSON, David. **1914 1918: A história da Primeira Guerra Mundial – Parte 1: A deflagração**; [traduzido por Valter Lellis]. Barueri, São Paulo: Novo Século Editora, 2016, p. 96.)

9 Cf. NOGARO, Arnaldo, **A questão do absurdo: Uma reflexão filosófica a partir de Albert Camus**, 1991, p. 93. Dissertação de Mestrado – Curso de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, janeiro de 1991, p. 6.

10 BORRALHO, Maria Luiza. **Camus**. Lisboa: Rés, 1984, p. 21.

11 CAMUS, 2019, p. 20.

12 Ibid.

suicídio. Julgar que a vida não vale a pena é uma conclusão arquitetada e elaborada no íntimo do coração da pessoa.

Matar-se, [...] é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos. [...] Viver, naturalmente, nunca é fácil. Continuamos fazendo os gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento.<sup>13</sup>

Tal ato é a atitude extrema de confessar que o sujeito foi vencido pela vida. A ideia de pôr um fim à vida de forma voluntária é a noção de que o sujeito foi superado por aquilo que o assombra e por isso surge como resultado o suicídio. Tal dilema existencial faz parte de um conjunto de valoração sobre a vida e o sentido da mesma. Por isso é que esse dilema é um grande questionamento filosófico.

Matar-se é confessar o esgotamento perante a existência. Ao analisar o ato do suicídio, Camus identifica que é resultado do pensamento e do sentimento de esgotamento. Tais conclusões se dão devido ao absurdo. O mesmo conduz ao pensamento sobre o dilema existencial de viver ou optar pela morte voluntária. O autor considera o ponto exato no qual o julgamento sobre a vida e morte surge.

O absurdo é um ponto de partida, um método, como afirma o próprio Camus, e não uma conclusão da filosofia. [...] O homem, no entanto, tem que dar uma resposta frente ao absurdo. A primeira que ele dá é o suicídio, e que Camus logo se afasta, pois ele não representa realmente uma solução, não enfrenta o problema, mas foge, é um salto. [...] A pergunta pela vida e pela morte não são tão simples quanto se apresentam.<sup>14</sup>

A existência é repleta de paradoxos. Diante dos mesmos pode até parecer fácil solucioná-los. Diante disso pode parecer simples responder a questão sobre dar um fim ou não à vida. “Parece que ou você se mata ou não se mata, só há duas soluções filosóficas a do sim e a do não.”<sup>15</sup> Camus se preocupa em analisar o momento em que o suicídio é o salto para fora do absurdo.

N’*O mito de Sísifo* o autor enaltece a ideia do sim e do não em relação à vida. Ele considera que mesmo os que estão concentrados no dilema do sim e do não à vida podem viver como se tivessem dado um não à vida. Isso é ocasionado, pois o ser humano está diante do absurdo modernamente. Todo aquele que opta pelo fim de sua vida tem a certeza do sentido

---

13 CAMUS, 2019, p. 21.

14 NOGARO, 1991, p. 50.

15 CAMUS, 2019, p. 22.

dela.<sup>16</sup> Portanto, infere-se que o sujeito é superado pelo limite da existência e culmina desse modo no absurdo.

Conforme Camus, o absurdo é tão certo quanto a existência humana. Entretanto, para chegar à conclusão sobre o absurdo existe uma passagem de um sentimento a uma constatação. Conforme o autor o absurdo é considerado, primeiramente como um sentimento. Ele considera que o sentimento “do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é, em sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho, esse sentimento é inapreensível.”<sup>17</sup> Tal sentimento inapreensível faz parte da vida das pessoas. O absurdo é apresentado como parte do cotidiano.

[...] Para Camus o sentimento do absurdo é uma espécie de desconforto sentido a partir do momento onde aquela questão pelo sentido, apontada acima, se apresenta como não possível de receber uma resposta imediata. Camus frisa a importância no que diz respeito ao aspecto epistemológico e, portanto, para o despertar do existente. É pela experiência de tal ‘sentimento do absurdo’ que a consciência é despertada para a investigação existencial.<sup>18</sup>

Tal dado faz parte da vida prática da existência humana. O desconforto ocasionado através do confronto entre o que é desejado pelo sujeito e aquilo que o mundo apresenta é um momento pelo qual a pessoa pode perceber um sentimento de absurdo, de limitação em meio à existência. Confrontado diante de tal limitação é que o sentimento pode ser valorado e constatado como algo que faz parte da vida das pessoas.

[...] Este mundo não é razoável em si mesmo, eis tudo o que se pode dizer. Porém, o mais absurdo é o confronto entre o irracional e o desejo desvaído de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois. [...] A partir do momento em que é reconhecido, o absurdo é uma paixão, a mais dilacerante de todas.<sup>19</sup>

Diante de tal destaque é possível explicitar a relação de tensão entre o intelecto humano e o mundo conduz ao pensamento absurdo. A realidade absurda é a junção ilógica entre o intelecto humano que deseja por clareza e aquilo que o mundo lhe apresenta. “O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo.”<sup>20</sup> Impregnado na relação do sujeito com o universo é que o absurdo se apresenta. Concluir que o absurdo existe é constatar que a vida é limitada. Diante de tal conclusão urge a necessidade de resistência.

---

16 Cf. CAMUS, 2019, p. 22.

17 Ibid, p. 25.

18 SILVA, p. 209-210.

19 CAMUS, 2019, p. 34.

20 Ibid., p. 28.

“Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo.”<sup>21</sup> O confronto com o questionamento sobre seus atos também estabelece a conclusão sobre o absurdo e a esfera na qual as pessoas estão inseridas. O absurdo é presente na vida das pessoas. A partir da consciência sobre si mesmo é que os atos de resistência podem ser impulsionados.

Conforme Camus, o sujeito perde o vigor vital através do cansaço de sua rotina. No momento em que percebe o cotidiano desgastante, o sujeito se encontra entre o dilema primordial presente na obra de Camus: suicídio ou restabelecimento. Diante de tal realidade opressora e absurda o sujeito toma consciência e conclui que esse momento é muito importante na vida das pessoas, pelo fato de “tudo começar na consciência e nada vale sem ela.”<sup>22</sup>

Conforme a literatura camusiana, o homem se sente um estrangeiro em sua própria pátria. É um pensamento absurdo ocasionado pelo sentimento de divórcio entre o homem e sua vida. Para Camus uma aspiração ao nada.<sup>23</sup> A realidade dura ocasiona uma tensão e vertigem na delimitação do sujeito e universo. Por tal motivo é que o sujeito toma consciência de sua limitação frente ao universo.

Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida faz parte da consciência sobre o absurdo. Diante da realidade absurda, aspira-se à necessidade de valorar sobre a resistência humana. Com isso alcança-se, para Camus, a resposta sobre o sentido da vida. A resposta para o autor é que não há sentido! No momento em que a pessoa busca pelo sentido ele lhe escapa e isso faz com que o absurdo se torne latente diante da existência.

Camus concebe o absurdo como o que é lógica e axiologicamente inconveniente (segundo a etimologia grega do termo *átopon*, que ao pé da letra significa “fora do lugar”) e considera-o oriundo de um “divórcio” entre as expectativas da paixão e a feia realidade dos fatos, ou então do contraste entre a opacidade indiferente do universo e desejo humano de felicidade e clareza.<sup>24</sup>

O ser humano confrontado com a limitação da existência percebe que o absurdo está presente na vida enquanto estiver a pessoa estiver viva. Essa junção ilógica concerne na dinâmica do absurdo e aquilo que o mesmo manifesta na vida das pessoas. A lógica do

---

21 CAMUS, 2019, p. 27.

22 Ibid.

23 Cf. Ibid., p. 21.

24 ABBAGNANO, 2012, p. 7.

absurdo é permeada pela realidade do divórcio entre a realidade e o intelecto. Muito presente no momento da grande vontade de viver do ser humano, com os fatos cruéis que o permeiam.

O absurdo é a contradição da mente humana confrontada com os fatos. Camus se preocupa em escrever sobre um assunto que se faz presente na vida das pessoas. O cotidiano é permeado de realidades diversificadas e, por vezes, contraditórias. A intenção é clarificar o a forma pela qual o absurdo é constatado pelas pessoas. Conforme o autor, as pessoas possuem o questionamento sobre aquilo que fazem. Esse questionamento é considerado o momento da constatação sobre o absurdo.

Entendo que posso apreender os fenômenos e enumerá-los por meio da ciência, mas nem por isso posso captar o mundo. Quando houver seguido todo o seu relevo com o dedo, não saberei muito mais sobre ele. [...] Estranho a mim mesmo e a este mundo, armado somente com um pensamento que se nega quando afirma, que condição é esta em que só posso ter paz deixando de saber e de viver, em que o apetite de conquista se choca contra os muros que desafiam seus assaltos? Querer é suscitar paradoxos.<sup>25</sup>

O mundo traz consigo grandes paradoxos e, diante dos mesmos, o ser humano valora. A inteligência clama por clareza e distinção entre as coisas. O mundo se apresenta absurdo, pois o homem não encontra tal clareza e distinção. Na ingenuidade que o ser humano possa ter, pode afirmar que está tudo bem. Porém, não é isso que fica evidente! A humanidade se faz presente no mundo e se questiona sobre as desumanidades que ocorrem no mesmo.

É possível pensar que a realidade poderia ser diferente. Assim surge o pensamento do mundo absurdo, repleto de contradições e desumanidades.<sup>26</sup> Diante disso surge a grande preocupação em desenvolver uma reflexão sobre a lógica absurda e suas respectivas consequências. A realidade do século XX é extremamente favorável ao desenvolvimento do pensamento do autor franco-argelino.

Ao compreender a dinâmica do absurdo existe uma série de fatores também descobertos. Aprender que a realidade não é a mesma coisa pela qual o sujeito espera é estar confrontado com o absurdo. Conhecer a realidade e perceber que ela só deixa de existir na existência humana a partir da morte do indivíduo. O absurdo é inexorável, pois faz parte da junção ilógica do intelecto humano com a realidade opressora.

Camus clarifica que o raciocínio absurdo surge diante da relação homem e mundo. O absurdo não se dá somente na racionalidade humana, nem no mundo por si só. É a junção ilógica de uma sede e necessidade por clareza, presente na racionalidade humana, e um

---

25 CAMUS, 2019, p. 33.

26 Cf. Ibid., p. 33-34.

mundo repleto de contradições, fome, morte, guerra e miséria. O homem percebe-se diante desse mundo e sente, com isso, um sentimento de absurdo.

Para Camus a inconformidade faz parte da constatação do absurdo. Por trás de tal consciência existe uma série de reflexões sobre injustiças, instabilidades políticas e mortes injustificadas. “Sente em si o desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo.”<sup>27</sup> Tal silêncio é o processo de consciência sobre a realidade absurda. Diante da injustiça, da fome e da miséria é possível perceber o silêncio inexorável do absurdo.

O empenho de Camus consiste em “demonstrar que sistematização e a racionalização do mundo são meras ilusões jamais podendo se concretizar na existência efetiva.”<sup>28</sup> Olhar para o ser humano somente com a perspectiva do sistema torna a filosofia mera abstração. Porém, o que o autor busca enfatizar é a necessidade de olhar ao ser humano e perceber a subjetividade presente. Não é somente o caso que a objetividade seja aquilo que rege e coordena a vida do ser humano. Existem questões subjetivas que necessitam ser consideradas.

O autor assinala n’*O mito de Sísifo* que “um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre.”<sup>29</sup> a partir da consciência sobre a realidade absurda é possível destacar fragmentos da realidade que não cessam de existir. Isso remete a ideia da limitação e da finitude dos sujeitos perante a realidade. Estar ligado ao absurdo para sempre é estar conectado a um conjunto de fatores que não deixam a realidade clara, tanto quanto o que o ser humano deseja. Por tal motivo é que, o sujeito, a partir da consciência percebe-se presente no absurdo até o momento de sua morte.

Camus, “ao implicar a condição de sentir-se estranho, o absurdo sugere ao homem e à mulher existir sem apelar, sugere não haver sentido algum que ultrapasse este mundo, sugere que o que existe é o que a condição sensível do ser humano pode alcançar.”<sup>30</sup> Sentir-se estranho ou estrangeiro diante da realidade faz parte da constatação sobre o absurdo. O autor elucida a necessidade de viver sem apelação em qualquer realidade que não seja a mundana. Depositar o conjunto de sentido a uma realidade transcendente é apelar, conforme o autor.

A racionalidade humana encontra o absurdo toda vez que se encontra falível frente a si mesma. Construir uma teoria e aplicá-la sem ter um bom êxito é motivo da consciência sobre o absurdo. Pensar é estar confrontado com a condição absurda. As pessoas sabem que

---

27 CAMUS, 2019, p. 39.

28 VIEIRA, L. A. V. **Kierkegaard e Camus**: uma análise da melancolia existencial. *Percurso*: Curitiba, v.11, p. 3-14, 2011, p. 11.

29 CAMUS, 2019, p. 42.

30 ALMEIDA, 2019, p. 92.

encontram contradições frente ao intelecto. Não é esse o motivo que permite que o ser humano precise desistir da racionalidade e apelar para a irracionalidade.

Perante isso o absurdo é considerado algo sem sentido e sem motivação. É algo que acontece e é o confronto ilógico da realidade com o intelecto humano. Camus em suas obras não busca justificar crimes e assassinatos. São questões absurdas que necessitam ser explicitadas no cerne da questão. No momento em que o autor se questiona sobre julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida, ele põe em questão a realidade absurda que faz com que as pessoas concluam que não vale a pena viver.

O escritor d’*O mito de Sísifo* considera importante o ser humano ter consciência sobre o absurdo. Ele não tem dúvidas de que a consciência sobre o absurdo torna a realidade mais suportável. Portanto diante da realidade absurda e sem sentido há a necessidade de viver entre a tensão do mundo e intelecto. Saber que a vida humana é constituída sob tal tensão, é saber que a realidade precisa ser vivida com engajamento. Tal engajamento não é o fim do absurdo, mas a solicitude em viver a vida, independente da situação.

Conforme Camus existem diversos meios e possibilidades de enfrentamento da tensão do *cosmos* e intelecto humano. Um deles é acreditar na vida terrena e não apelar em uma vida pós-morte. O sujeito necessita encarar a realidade como ela é e não pensar em uma recompensa futura. A realidade absurda necessita ser enfrentada sem apelação. Apelar é se entregar à condição de derrota frente ao absurdo. O absurdo pode fazer o coração das pessoas carecer de esperança. O homem aspira pela clareza dos fatos, e Camus tem por convicção que a clareza dos fatos não se dá na apelação em uma entidade metafísica. Seria uma espécie de suicídio filosófico.<sup>31</sup>

“Buscar o verdadeiro não é buscar o desejável.”<sup>32</sup> Dessa forma o autor enfatiza a realidade absurda. O verdadeiro é aquilo que acontece ante os olhos das pessoas e, por muitas vezes, não é aquilo que foi desejado. Diante das milhões de mortes ocorridas durante o período do nazismo na Alemanha são sinais do absurdo. a dissonância entre a realidade e o desejo pela clareza dos fatos remete Camus a escrever sobre as dificuldades de seu período.

Diante das milhões de vidas perdidas por conflitos de supremacia hegemônica e domínio territorial, o autor “quer saber se é possível viver sem apelação.”<sup>33</sup> A resposta do mesmo é afirmativa. Ele destaca que não é necessário apelar a um ser divino para encarar a realidade. O absurdo é o choque da expectativa com a realidade e necessita ser encarado da

---

31 Cf. CAMUS, 2019, p. 48-49.

32 Ibid., p. 50.

33 Ibid., p. 59.

forma que se manifesta. A preocupação consiste em viver uma vida sem apelação através da consciência sobre o absurdo.<sup>34</sup>

O autor franco-argelino considera o salto na fé algo bizarro e passível de suicídio filosófico. Nessa direção, considera que assinala o salto da fé “[...] faz do absurdo o critério do outro mundo, enquanto não passa de um resíduo da experiência do mundo. ‘Em seu fracasso’, diz Kierkegaard, ‘o crente encontra seu triunfo.’”<sup>35</sup> Diante do fracasso humano se constata o absurdo e não motivações para apelar a uma vida futura. Camus encara tal teoria como um fracasso frente à tensão entre o mundo e o intelecto humano.

“Quem não tem fé, a exemplo de Camus, vive a moral da quantidade – vive o máximo de experiências sem se preocupar com a qualidade ou com o sentido que apresentam –, do usufruir o mais possível de uma vida que passa rápido e finda no nada.”<sup>36</sup> A intensão do autor é justificar a dimensão quantitativa a partir da constatação do absurdo. O absurdo remete à ideia de necessidade de ampliar as experiências em meio à realidade opressora e devastadora. A conclusão do autor é sobre a futilidade da presença de esperança em uma vida futura. É a apelação que impede o ser humano de vivenciar ao máximo as experiências em seu cotidiano.

A ideia de “viver ao máximo cada experiência” é uma noção extremamente presente no primeiro ciclo do pensamento do autor. O mesmo ciclo é denominado “ciclo do absurdo”. A partir desse, identifica-se a intenção do autor em usufruir ao máximo das experiências presentes em vida. Isso ocorre pelo fato da quantidade ser sinônimo de “não apelação” a um mundo metafísico e fora da realidade presente. A grande preocupação é em não proporcionar uma ideia de fuga do absurdo.

Fugir do absurdo é, na verdade, cair na falsa ideia de que as situações absurdas possam parar de existir. As situações absurdas existem independentemente das circunstâncias nas quais a pessoa possa estar inserida. Camus não defende a ideia de cura em relação ao absurdo, mas sim um sujeito consciente de presença mutua de si e do absurdo. Pensar o mundo sob a ótica do absurdo é pensar uma existência sem apelação. Camus tece uma crítica ao

---

34 O filósofo franco-argelino desenvolve uma crítica a Kierkegaard. Pois não concorda com a perspectiva do salto metafísico. Isso não pode ser o determinante para justificar a existência de Deus. Kierkegaard assinala e apela ao caminho do desesperado ao encontro de Deus. “O desespero que se perde no infinito é portanto imaginário e informe. Porque o eu não tem saúde e não está livre de desespero, senão quando, tendo desesperado, transparente a si mesmo, projeta-se até Deus.” (KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**, São Paulo: Martin Claret, 2009, p. 34) Camus não compactua com tal justificativa em relação ao absurdo. Para o autor, o absurdo não pode ser justificado com o nome de Deus. É uma apelação que faz o sujeito deixar de viver o que pode viver durante o curto espaço de tempo que está vivo.

35 CAMUS, 2019, p. 47.

36 NOGARO, 1991, p. 77.

pensamento de Kierkegaard sobre a ideia da necessidade de um salto na fé. Conforme Camus, Kierkegaard pretende fugir do absurdo a partir do salto da fé.<sup>37</sup>

O autor d’*O estrangeiro* já indica que “não é a existência, mas o existente que importa. Não é a morte que está em causa, mas o ‘eu morro’. É o sentimento do pessoal, do humano; fugir é fugir de si, é negar-se como homem.”<sup>38</sup> A pessoa que opta pela morte de suicídio busca cessar o sofrimento. O grande cunho paradoxal presente em tal opção é o fim da vida e de toda possibilidade de restabelecimento ante o absurdo.

Na obra de Camus é possível encontrar o termo restabelecimento. A motivação do autor é oferecer métodos pelos quais o peso do absurdo se torne suportável. Por tal motivo o restabelecimento é a noção básica do sujeito consciente da existência do absurdo e que o mesmo só deixa de existir a partir da experiência da morte. A vontade de morrer faz parte dessa consciência, contudo, o restabelecimento faz parte da afirmação do sujeito frente a tal situação.

“O mundo é por si. Nada me leva além dele. Agora, é o que temos a conquistar, e só o que temos. A sensibilidade não autoriza buscar mais do que o mundo e mais do que esta vida.”<sup>39</sup> Conforme esse ideal, é possível identificar que a vida não pode ser recompensada por um estado de vida pós-morte. A intenção é identificar que a vida é o intervalo de tempo em que a pessoa nasce até o momento de sua morte. Diante disso o autor problematiza a cerca das possibilidades desse intervalo de tempo. Buscar possibilidades fora desse intervalo de tempo é apelar.

A maneira pela qual o pensamento nega a si mesmo é a partir do suicídio filosófico. Julgar um sentido da vida para uma vida pós-morte é, para Camus, um suicídio filosófico. O momento sutil em que as pessoas abdicam a resignação frente ao absurdo é o momento pelo qual o sujeito abre mão da vida de forma plena e se entrega ao pensamento que busca negar o absurdo. O autor assinala que o absurdo precisa ser enfrentado e não negado. Ele considera que a negação do pensamento é o Deus dos existencialistas.

O que interessa de fato é o momento pelo qual o sujeito deixa de negar o pensamento absurdo em prol de uma vida eterna. É preferível enfrentar o absurdo antes de se entregar ao pensamento que nega a razão humana, em virtude de uma recompensa pós-morte.<sup>40</sup> O pensamento provoca vertigem no ser humano, porém isso não pode ser considerado ponto de

---

37 Cf. CAMUS, 2019, p. 47-48.

38 NOGARO, 1991, p. 27.

39 GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**: mundo, absurdo e revolta (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, p. 27.

40 Cf. CAMUS, 2019, p. 50-51.

fuga do absurdo. É necessário que haja consideração entre o pensamento que ocasiona a vontade de morte e o pensamento que nega a si mesmo.

Camus considera que a faculdade do pensar é uma faculdade de encontro com a realidade. “Pensar não é unificar, familiarizar a aparência com o aspecto de um grande princípio. Pensar é reaprender a ver, dirigir a própria consciência, fazer de cada imagem um lugar privilegiado.”<sup>41</sup> Pensar o mundo a partir da ótica da realidade como confronto com o pensamento e choque entre o real e o ideal, é pensar a vida sob ótica do absurdo. A consciência em relação ao absurdo gera inquietude no coração de cada pessoa.

O escritor constata a existência de diversas verdades e conjuntos de valores que variam conforme determinadas culturas. Com isso, assinala que não existe uma verdade absoluta, mas existem verdades. Não é possível permanecer somente com aquilo que se acredita, se assim fosse, não existiriam contradições. De tal modo o conjunto de verdades confrontadas mutuamente é um conjunto absurdo, a experiência faz parte da consciência.<sup>42</sup> Nesse sentido, as experiências contribuem no processo de apreensão da realidade. Quanto maior o número de experiências acumuladas, maior é a constatação relacionada à existência do absurdo.

A ausência de uma esperança não é o desespero, mas a aceitação do imediato. [...] O sentimento absurdo nasce do contato dum exigência racional de consciência e dum irracional disperso no mundo; não é uma lei de espírito, mas seu escândalo. Por meio desse modo de pensar, desta contradição, o pensamento de Camus caminha para a concepção de uma ordem que deve ser designada humana.<sup>43</sup>

O importante é fazer com que o pensamento consciente governe as atitudes humanas e não a lei a partir da abstração. Camus afirma que o “filósofo abstrato e o filósofo religioso partem do mesmo desconcerto e se apoiam na mesma angústia. Mas o essencial é explicar. Aqui a nostalgia é mais forte que a ciência.”<sup>44</sup> Dificilmente existirá uma máxima que fará um sujeito nostálgico abrir mão de sua nostalgia. A consciência sobre o absurdo não leva a nostalgia, mas à ação.

A pessoa que deposita sua confiança na nostalgia, ou recompensa de uma vida pós-morte quer apelar. Tal apelação é um pedido para uma cura a partir da negação do absurdo, Porém tal cura é ocasionada pela irracionalização. O ato de tornar algo irracional é o ato de

---

41 CAMUS, 2019, p. 51.

42 Cf. Ibid.

43 NOGARO, 1991, p. 71.

44 CAMUS, 2019, p. 55.

incoerência frente à realidade. O “absurdo fixa seus limites, porque é impotente para acalmar sua angústia. [...] O absurdo é a razão lúcida que constata seus limites.”<sup>45</sup>

Portanto a constatação dos limites é uma constatação a partir do absurdo. A lucidez presente na consciência remete os sujeitos a um conjunto de sentidos com consciência de seus limites e possibilidades frente à realidade. Dessa forma a realidade absurda torna-se um fardo mais leve a ser carregado. Isso é ocasionado pelo fato de trazer consigo a noção de limites e possibilidades possíveis dentro do conjunto de limites. É a ideia de divórcio que se faz presente. Diante disso surgem as contradições frente à existência e tudo aquilo que oprime a mesma.

## 2.2 As contradições perante a existência

A morte é inexorável! Morrer faz parte da vida, assim como as necessidades fisiológicas que necessitam serem supridas no decorrer da existência. Suprir as necessidades fisiológicas que clamam por alimento e água é dar suporte para que a vida se manifeste. Tal reflexão faz parte da necessidade de lutar pela vida já no período do nascimento da criança. Viver é resistir! Nesse momento a vida é confrontada com a realidade absurda e cruel da realidade. A criança necessita do suporte de outras pessoas mais velhas para conseguir viver.<sup>46</sup>

Conforme tal constatação é possível identificar a fragilidade do ser humano já nos primeiros períodos de vida. Diante da seguinte situação destaca-se a necessidade de suporte humano que a pessoa necessita. A realidade pela qual um nascituro consegue prolongar sua vida, a uma potência, é o suporte recebido por gente que opta em dar auxílio e fazer com que tal manifestação de vida floresça. Tudo isso faz parte da manifestação da vida e a presença da morte na mesma.<sup>47</sup>

Confrontado diante de tal reflexão Camus percebe que existem pessoas, que optam, optam pela morte voluntária. O questionamento é sobre morrer de suicídio o deixar que a morte se aproxime e leve a vida por si só. Segundo Camus “as pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis a verdade incontestável – infecunda, entretanto, porque é um truísmo.”<sup>48</sup>

---

45 CAMUS, 2019, p. 56.

46 Nesse momento é possível destacar a realidade pela qual o ser humano se encontra. A partir do nascimento o mesmo já está preparado para a morte.

47 Cf. MCBRIDE, Joseph, **ALBERT CAMUS: philosopher and litterateur**. New York: Palgrave Macmillan, 1992, p. 5.

48 CAMUS, 2019, p. 23.

Para o suicida a vida não vale a pena ser vivida, pois ocorre um esgotamento em relação àquilo que já fez. O sujeito “está esgotado e fatigado de si mesmo.”<sup>49</sup> A pessoa sente-se fadada ao fracasso em meio ao absurdo hodierno. Por tal motivo entra em vertigem. O ser humano esgotado, em relação aos seus projetos e à realidade opressora, tem a possibilidade de sentir-se esgotado de si mesmo e de seus fracassos. Diante disso surge o dilema existencial sobre a morte voluntária.

A realidade absurda rompe com toda e qualquer expectativa em relação aos projetos da pessoa esgotada em meio ao caos. Esse esgotamento é ocasionado em virtude de diversos fatores existenciais. Constatar o absurdo causa um sentimento de impotência frente à realidade. O esgotamento culmina em medidas pelas quais a reflexão sobre a morte voluntária pode se fazer extremamente presente.

Conhecemos a famosa expressão de Albert Camus, quando diz que só há um problema filosófico radical: ‘suicido-me ou não me suicido’. Se me suicido, todos meus problemas acabarão junto com o meu mundo; se não me suicido, escolho a vida, com tudo o que isso significa.<sup>50</sup>

A morte, sob o prisma do suicídio, destaca que o autor franco-argelino busca os fatores pelos quais um grande número de pessoas morre através da morte voluntária. Os fatores pelos quais o suicida toma a decisão em dar um fim à vida brotam de um momento de profunda crise. É o momento pelo qual o sujeito busca, na alternativa do suicídio, um meio de sair da situação de desespero. Tal desespero acarretado, no contexto de Camus, pela fome, miséria, guerra e mortes injustificadas. O fator absurdo é a falta de justificativa pela qual o ser humano se encontra. As guerras ocasionadas por conflitos de disputa territorial, interesses econômicos e supremacia hegemônica.

Camus se preocupa com a atitude filosófica em meio à vertigem. O autor se aproxima de seu tempo ao preocupar-se com a realidade do século XX e tudo que oprime a vida humana. A atitude filosófica frente ao absurdo traz à tona as possibilidades presentes no momento de vertigem. O absurdo não cessa de existir, a intenção é identificar as possibilidades, pelas quais o absurdo se torna mais tolerável. A partir do suicídio elimina-se o sofrimento, porém com tal atitude elimina-se toda e qualquer possibilidade de restabelecimento.

---

49 HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 10.

50 SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção de sentido**: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 61.

[...] nesse seu ensaio, mais do que afirmar uma correlação necessária entre o absurdo e o suicídio, Camus pretende investigar e avaliar com rigor as possibilidades da atitude humana ante a absurdidade. Destarte, considera que a desmedida e o desarrazoado mundano por si sós não fundamentam o absurdo de existir. Não há absurdidade fora do espírito humano, ou sem o embate entre ele e a realidade que o circunda; vemos, assim, que a morte voluntária opera propriamente a desapareção do objeto a ser perscrutado.<sup>51</sup>

A lógica do pensamento absurdo comanda a morte. Estar confrontado diante da ponte que conecta o ser humano com a morte é atribuir o máximo de filosofia para tal reflexão. Diante disso o autor franco-argelino se preocupa em desvendar quais as possibilidades presentes na vida do suicida<sup>52</sup>. “Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: o suicídio ou restabelecimento.”<sup>53</sup> O restabelecimento é a clareza das possibilidades que o sujeito tem em relação a oportunidade do suicídio.

A morte é a potência máxima da manifestação de que a vida é limitada. A intenção é entender a realidade pela qual há pessoas que optam em encurtar a vida de forma voluntária. A partir do momento pelo qual o sujeito percebe as contradições e limitações do mundo, é o momento pelo qual o mesmo se encontra em prova. A prova de que a realidade é limitada, e aquilo que se almeja não ocorre, é o momento pelo qual o suicida se encontra em potência para a morte voluntária.

O grande dilema que pode levar o ser humano ao suicídio é a presença mutua do absurdo em sua vida. Não há como escapar do absurdo, se não pela morte. Porém ao escapar do absurdo pela morte acabam todas as possibilidades de restabelecimento diante da realidade. Paiva assinala que “o mais terrível dos sofrimentos poderá ser suportado, se for justificado”.<sup>54</sup> Todavia o problema consiste na não justificação do sofrimento na vida das pessoas. Um sofrimento sem justificativa é um sofrimento com consequências extremas ante a vida humana.

### 2.3 Albert Camus e a atitude de suicídio

Em detrimento da indiferença de outras pessoas ao sofrimento, é possível que o sujeito, diante da indiferença, permaneça em um estado melancólico. Para Camus “teríamos

---

51 PAIVA, Rita. A precariedade humana e a existência estilizada. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 1, p. 117-136, Jan./Abril, 2013, p. 118.

52 Identifica-se como suicida aquele que acredita que a morte voluntária pode ser a melhor solução ante o absurdo.

53 CAMUS, 2019, p. 27.

54 PAIVA, 2013, p. 118.

que saber se no mesmo dia um amigo do desesperado não o tratou de modo indiferente.”<sup>55</sup> Isso pode desencadear uma atitude suicida. Não se passa somente um fato isolado, mas um fato dentre muitos que possibilita a constatação de que o absurdo pode ser insuportável. Não é somente a indiferença, mas todos os sentimentos que o suicida traz junto a si antes do confronto com a indiferença humana.

Camus não se preocupa com os conteúdos que estão afastados dos homens, conteúdos abstratos capazes de serem assimilados apenas pelos ‘escolhidos’. Seus conteúdos filosóficos são comuns a todos os homens; isto é, acessíveis. Mais ainda, são práticos, motivam ações. São conteúdos que refletem sobre o viver, seu sentido, seu absurdo, enfim, refletem sobre questões que geram verdadeiros torvelinhos em nós.<sup>56</sup>

Camus é um escritor engajado em assuntos sociais. Tal engajamento possibilita a tomada de atitude sobre uma reflexão em relação àquilo que deixa o sujeito sem saber o que fazer. Diante disso pode retomar o dilema entre o suicídio e o restabelecimento, contudo o autor se preocupa em identificar os meios pelos quais o absurdo pode ser encarado e suportado para prolongar a vida humana. A intenção é sinalizar a vontade de vida presente em meio a situações absurdas.

O autor d’*O homem revoltado* questiona a função do sistema filosófico. Identifica a necessidade da filosofia da ação, preocupada com o engajamento coletivo em relação ao absurdo. Explicita a preocupação com as pessoas que podem ser auxiliadas com uma filosofia mais próxima da realidade. Camus se percebe questionado diante da necessidade de um vasto conteúdo filosófico. A filosofia do autor franco-argelino auxilia a encarar tal realidade de forma corajosa e coerente.

Ele identifica que a atitude do suicídio é um apelo último da pessoa esgotada pela realidade, e esse último apelo não pode ser ignorado. “Matar-se, em certo sentido, e como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida e que não a entendemos.”<sup>57</sup> A atitude de confessar que se é superado pela vida é a mais comprometedora, pois acaba com todas as possibilidades de restabelecimento em meio ao absurdo. O suicídio dá fim ao esgotamento, porém dá fim à todas as possíveis variantes que poderiam servir de suporte ao restabelecimento da pessoa.

---

55 CAMUS, 2019, p. 21

56 VICENTE, J. J. N. B.; GONTIJO, F. D. . O absurdo e a revolta em Camus. **Revista Trias** - Revista eletrônica online de Filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais, v. 03, p. 01-10, 2011, p. 2.

57 Ibid.

Conforme o autor existem diversas maneiras de morrer de suicídio, uma delas é: “a doação total e o esquecimento da própria pessoa.”<sup>58</sup> A pessoa esquece de si mesma e pode viver na inércia sem refletir sobre quem é e como projetar-se ao futuro. O momento pelo qual a pessoa torna a esquecer de si própria é o momento do suicídio. Não é um pensamento egoísta, mas de reflexão sobre a própria pessoa humana. O sujeito, ao entregar-se diante do esquecimento de si, pode entregar-se ao desespero e conseqüentemente ao suicídio.

A conformidade do sujeito esquecido de si mesmo remete a uma dificuldade de tomada de decisões. A realidade é tão avassaladora e tão sobrecarregada que o sujeito deixa de pensar em si e passa somente a pensar no seu desempenho. A partir disso surge a dificuldade de “dar fecho” às coisas. Tal dificuldade remete o ser humano a uma vertigem imensa sobre as decisões, na qual surge novamente o grande dilema sobre o julgamento entre a vida e a morte voluntária.<sup>59</sup>

Camus assinala que é possível viver sem a apelação. Para ele, o sujeito, ao constatar o absurdo pode sentir a necessidade de apelar. A apelação pode surgir de diversas formas: crer em uma vida eterna; deixar de refletir por conta própria e transferir as decisões à outras pessoas. O sujeito que constata o absurdo e pratica tais apelações vive de forma suicida. Deixa de viver o que pode ser vivido na vida que possui e transfere as possibilidades a uma recompensa após morte ou após absurdo. O sujeito, nesse estilo de vida, se preocupa somente com os supostos benefícios da vida eterna e recompensa após a morte e por isso deixa de tomar decisões.

## **2.4 A liberdade absurda e seus paradoxos**

É possível destacar um vasto conteúdo na literatura camusiana. Um deles se remete a questão da liberdade<sup>60</sup>. A intenção do autor reside em destacar a liberdade a partir do absurdo e da condição trágica das pessoas no século XX. O autor identifica que a liberdade é uma experiência estritamente individual. Não é possível ter a experiência da liberdade do outro. Pois o “problema da ‘liberdade em si’ não tem sentido. Porque está ligado de outra maneira ao

---

58 CAMUS, 2019, p. 78.

59 Cf. HAN, 2019, p. 48.

60 Sobre a questão da liberdade, busca-se aprofundar os conhecimentos em relação à obra do autor franco-argelino e o entendimento do mesmo em relação ao tema. Sem cair num reducionismo, porém abrangendo de forma aprofundada o conceito, no ponto de vista do autor.

problema de Deus.”<sup>61</sup> O problema da liberdade estar ligada a uma entidade metafísica pode desvalorizar a liberdade humana em potência.

O autor franco-argelino assinala que, se Deus existe e é todo-poderoso, em contrapartida, os homens não têm liberdade. É nesse grande paradoxo que o autor se debruça. Porém, se o homem é livre, Deus não é todo-poderoso! Camus não se preocupa com aquilo que lhe escapa de sua própria experiência. Ele considera que não há liberdade vinda de um ser superior. A preocupação do autor é com a ação do sujeito dentro das possibilidades disponíveis no contexto absurdo.<sup>62</sup>

Antes de encontrar o absurdo, o homem cotidiano vive com metas, uma preocupação com o futuro ou a justificação [...]. Avalia suas possibilidades, conta com o porvir, com sua aposentadoria ou trabalho dos filhos. Ainda acredita que alguma coisa em sua vida pode ser dirigida. Na verdade, age como se fosse livre, por mais que todos os fatos se encarreguem em contradizer tal liberdade. Depois do absurdo, tudo fica abalado. A ideia de que ‘existo’, minha maneira de agir como se tudo tivesse um sentido.<sup>63</sup>

Diante disso a análise sobre o fracasso e a condição trágica se intensifica. O ser humano tem a liberdade de existir, nessa liberdade de existir surge a noção ilógica do absurdo que ceifa as expectativas do sujeito. O absurdo, leva consigo todas as expectativas das pessoas, com isso o ser humano não pode se preocupar com uma liberdade superior, ou entidade metafísica, para intensificar a liberdade. A vida acaba sendo o que ela é em meio ao absurdo, cabe ao ser humano valorar entre as contradições e possibilidades existentes.

Conforme Camus, o ser humano percebe que uma coisa inevitável é a morte. Não há variante que tire a consciência da morte, da finitude e do perecimento. A partir de tal dado a sorte está lançada. A realidade da morte é o que espera cada pessoa e diante disso cabe a cada uma viver a tragédia humana conforme as possibilidades presentes em meio ao absurdo. Faz-se necessário ter coragem para viver escravo da realidade e saber que o ser humano é um ser finito.<sup>64</sup>

Percebemos que Albert Camus justifica a vida, isto é, justifica seu ‘sim’ à vida pela necessidade de manter o absurdo. Portanto, fica claro que o absurdo é metódico, é o método camusiano para afirmar a vida. É um equívoco apresentar Camus como pessimista, uma leitura prudente nos mostra o contrário.<sup>65</sup>

---

61 CAMUS, 2019, p. 61.

62 Cf. Ibid., p. 62.

63 Ibid.

64 Cf. Ibid, p. 63.

65 PIMENTA, D. R.. A postura camusiana perante o suicídio físico. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, v. 22, p. 281-288, 2012, p. 19.

Logo, a literatura camusiana é repleta de possibilidades de escolha pela vida. Um autor emblemático e comprometido com a existência humana se preocupa com os assuntos de liberdade e condição trágica. A filosofia não está dissociada da vida das pessoas, por isso tais temas são contundentes. Viver a vida com coragem é a atitude pela qual o autor defende! Ele é um autor de seu tempo e se importa com a realidade de sua época. É necessário que haja coragem para viver em um mundo extremamente contraditório e a literatura camusiana serve de suporte para tornar o absurdo mais suportável.

Destarte, o homem consciente do absurdo, percebe que não é totalmente livre. A liberdade é limitada, pois o ser humano está conectado aos preconceitos de seu meio social e convívio. Por mais que as pessoas busquem se afastar da realidade absurda dos preconceitos ou negar o absurdo, não é possível se afastar de tal realidade. Quanto mais o ser humano busca sentido e alimenta projetos em sua vida, mais ele cria limites em relação às possibilidades. As pessoas se tornam escravas de suas próprias metas e expectativas. E o absurdo ceifa as expectativas através de suas contradições.<sup>66</sup>

A conclusão do homem absurdo é que não há amanhã. Tal constatação é a razão que rege a liberdade absurda. Ele é “totalmente voltado para a morte (tomada aqui como a absurdidade mais evidente), sente-se desligado de tudo o que não é a atenção apaixonada que se cristaliza nele.”<sup>67</sup> A liberdade está na aliança entre o princípio da libertação e a própria vida, sem ofuscar-se pelas ilusões de liberdade. Para Camus, o mais razoável sobre a liberdade é a realidade em que o ser humano pode extrair ao máximo das possibilidades que estão ao seu alcance. Diante da condição trágica de desmoronamento e vertigem sem sentido, o ser humano não se volta à vida apelativa e sim às possibilidades ainda restantes.<sup>68</sup>

O absurdo faz parte da vida, isso o autor afirma e enfatiza em sua obra. Ter consciência em relação ao absurdo é ter a paixão em esgotar o que é dado. Na primeira fase do pensamento de Camus, a fase da juventude, considera-se substituir a busca na qualidade das experiências por quantidade. Camus enfatiza que a quantidade das experiências proporciona maior gozo em relação às possibilidades existentes diante do absurdo. Desse modo o sujeito descobre que pode viver sem apelo.<sup>69</sup>

Se eu me convencer de que essa vida tem como única face o absurdo, se eu sentir que todo o meu equilíbrio reside na perpétua oposição entre minha revolta consciente e a obscuridade em que a vida se debate, se eu admitir que minha liberdade só tem

---

66 PIMENTA, 2012, p. 19.

67 CAMUS, 2019, p. 64.

68 Cf. Ibid., p. 64-65.

69 Cf. Ibid., p. 65.

sentido em relação ao seu destino limitado, devo então reconhecer que o que importa não é viver melhor, e sim viver mais. Não tenho que me perguntar se isto é vulgar ou enjoativo, elegante ou lamentável. Os juízos de valor ficam descartados aqui, de uma vez por todas, em benefício dos juízos de fato. Só posso extrair conclusões do que posso ver e não arriscar nada que seja uma hipótese.<sup>70</sup>

Existe uma obscuridade no mundo e isso leva o sujeito a revoltar-se diante do absurdo constatado. A clareza e expectativas diante da realidade ilógica não são encontradas. Tais fatos fazem o homem tirar conclusões sobre o sensitivo-real e não daquilo que tem como hipótese. Os valores dados às coisas, pelas pessoas, entram em cheque pois de nada valem em meio ao absurdo. As expectativas estancam e tiram a liberdade do homem absurdo em um conjunto de valores limitados.

O absurdo indica, “por um lado, que todas as experiências são indiferentes e, por outro, estimula à maior quantidade de experiências.”<sup>71</sup> O erro icônico é imaginar que a quantidade de experiências possíveis depende das circunstâncias da vida. Para o autor d’*O mito de Sísifo* isso depende somente do sujeito resignado a explorar ao máximo as oportunidades das experiências. Na presente pesquisa é analisada a dinâmica de Don Juan, personagem que Camus identifica como personagem absurdo.

Há dois homens que possuem o mesmo número de anos vividos, o mundo, por vezes, proporciona a mesma soma de experiências possíveis. A diferença está no sujeito que possui consciência disso e sente ao máximo a vida. Reconhecer a revolta, a liberdade e viver ao máximo possível, são características e atitudes defendidas por Camus. Portanto nenhuma emoção, paixão ou sacrifício é passível de interrupção ao olhar do homem absurdo que opta pela vida. A morte é o obstáculo que finda a vida e suas possibilidades.<sup>72</sup>

Portanto, é possível extrair três consequências do absurdo: a revolta, a liberdade e a paixão pela vida. Ele identifica a possibilidade de “virar o jogo”. Dessa maneira o sujeito passa a ter consciência do intervalo de tempo que separa o seu nascimento de sua morte e passa a viver engajado. Dessa maneira, o suicídio pode ser rejeitado. O mundo absurdo é repleto de diversidades e cabe ao ser humano ter meios pelos quais o absurdo possa ser suportável.<sup>73</sup> Camus indica um modo de reflexão do homem com o mundo. Corroborar que o ser humano não precisa optar pela morte voluntária, é necessário enfrentamento e resistência para conseguir tornar o absurdo mais tolerável.

---

70 CAMUS, 2019, p. 65.

71 Ibid., p. 66.

72 Cf. Ibid., p. 67.

73 Cf. Ibid., p. 67-68.

### 3 CONCEITO DE REVOLTA

Diante da realidade contemporânea emerge como tarefa primordial o pensamento sobre a empatia. Tal tema faz parte de uma série de fatores humanos que remetem a sensação de sentir algo pelo próximo. Porém, a questão que permanece é sobre o que de fato é a empatia e a forma pela qual tal tema se manifesta no pensamento de Albert Camus. Ao longo da presente investigação é buscado desvendar tal questão e aproximações em relação aos temas da empatia em associação aos conceitos desenvolvidos pelo autor franco-argelino.

É perceptível que o tema da subjetividade faz parte da obra de Camus. Ao relatar a existência de um grande problema filosófico, o suicídio, o autor busca tratar de um problema subjetivo. “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”<sup>74</sup>. *O mito de Sísifo* é iniciado de forma emblemática, proporciona a curiosidade em relação a uma atitude filosófica sobre a própria vida.

Diante do paradoxo da existência, Camus indica a realidade absurda. A mesma faz com que o homem sucumba ante a realidade. Diante dessa perspectiva, é possível desenvolver os conceitos do autor e relacioná-los a um tema da atualidade. A intenção de tal escrito é analisar as denúncias efetuadas pelo autor franco-argelino, destacar a relevância de tal tema e a relação com os temas da solidariedade e empatia.

O conceito de revolta do presente autor visa dialogar sobre os temas da realidade em prol do ser humano. Ao tratar do tema revolta o autor parte do pressuposto do absurdo e da condição ilógica do mundo. Diante de tal condição surge o problema da desigualdade, fome, miséria e mortes injustificadas num contexto de guerra.<sup>75</sup> A atitude da revolta leva o sujeito solitário a pensar a existência de forma solidária e empática. Através da solidão e da vertigem ocasionada pela reflexão sobre o absurdo, é possível identificar uma solidariedade no prolongamento da vida. Logo, a solidão e o engajamento remetem o sujeito a um pensar coletivo e solidário.

#### 3.1 A revolta no meio social

---

<sup>74</sup> CAMUS, 2019, p. 19.

<sup>75</sup> Cf. OHANA, David, **ALBERT CAMUS: and the critique of violence**. Chicago: Sussex Academic Press, p. 13, 2016.

Albert Camus assinala no ciclo do absurdo a solidão do sujeito ante a existência e está voltado ao sofrimento de forma individual, o qual pode culminar no suicídio. No segundo ciclo de seu pensamento é possível identificar uma preocupação com o assassinato e tudo aquilo que faz a existência solitária se tornar um engajamento solidário ante a existência. Ele é um filósofo preocupado com a realidade de sua época e isso o leva a aplicar denúncias aos sistemas de seu tempo.

“Nossos criminosos não são mais aquelas crianças desarmadas que invocaram a desculpa por amor. São, ao contrário, adultos, e seu álibi é irrefutável: a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes.”<sup>76</sup> Já nas primeiras linhas da introdução d’*O homem revoltado* Camus estabelece a denúncia em relação aos crimes que são ditos como justificáveis em prol da dignidade humana. A obra é repleta de denúncias sobre a realidade e a condição humana. Diante disso é possível destacar a ação solidária e empática presente na obra.

Conforme Camus, a partir do conceito de revolta é possível destacar a busca pela dignidade do homem na relação com os sistemas totalitários. O autor estabelece a denúncia sobre aquilo que oprime a dignidade humana. Ele intensifica, na segunda fase do seu pensamento, o ciclo da revolta e faz uma crítica ao marxismo e aos sistemas totalitários soviéticos. Ele denuncia os totalitarismos, tanto de direita quanto de esquerda. Tem-se em vista a permanência e afastamento do filósofo no partido comunista.

Diante disso surge a preocupação do autor com a verdade e aquilo que oprime a existência humana. Independente do sistema político que esteja no governo, o filósofo franco-argelino estabelece a denúncia em relação aos fatos totalitários e a falta de humanidade presente no sistema político hegemônico. Conforme o autor existem dois tipos de violência: a retrógrada, na qual a burguesia sai favorecida; e a revolucionária, perante a qual busca abolir o sistema capitalista e instalar o sistema comunista. Os dois tipos de violência visam a opressão, independente do lado.

“Para Camus a revolta é uma atitude não só histórica, mas também universal.”<sup>77</sup> Trata-se de uma dinâmica que remete o sujeito para além do fato isolado de opressão. A revolta é uma atitude solidária da pessoa consciente do absurdo. Todavia, o que o autor denuncia é o movimento pelo qual a revolta pode não propagar e prolongar a vida de forma coletiva. Dessa

---

76 CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. 2ª ed., Rio de Janeiro: BestBolso: 2017, p. 11.

77 NOGARO, 1991, p. 14.

forma a revolta deixa de ser uma atitude filosófica solidária e passa a ser opressão e não é isso que o autor busca por meio da revolta.

A revolta é a tomada de consciência frente às atitudes do sujeito. Para Camus, tudo aquilo que é voltado às questões de cunho político e social pode passar pela revolta de alguém para acontecer. Isso vai além de uma teorização e se torna uma atitude. A revolta é o conceito de transformação e proporcionar condições de vida digna. É um meio pelo qual a pessoa não foge da situação, mas permanece resignada frente a um projeto de mudanças.

Se entendermos a filosofia, na sua origem, não como um conjunto de técnicas intelectuais ou acúmulo de categorias interpretativas, mas antes como uma *atitude* radical de aprofundamento na própria vida e existência em suas infinitas dimensões – das quais a dimensão intelectual é apenas uma delas, embora uma das mais importantes e significativas -, não nos é difícil compreender o volume dos riscos que uma tal atitude envolve. Ela significa *questionar* os parâmetros normais – ou seja, balizados em normas socioculturalmente – que norteiam a vida média das pessoas.<sup>78</sup>

A tomada de atitude visa uma resistência frente uma situação. Não é somente um fato isolado da vida das pessoas. O que se passa é a necessidade de resignação frente a um fato. Tudo isso depende da abertura em que o sujeito possui para ver o mundo como uma possibilidade de resistência e propagação da vida. A partir disso surge a dinâmica solidária da atitude filosófica da revolta. Remete o sujeito a um volume de riscos que pode ser outrora incompreensível. Porém, preocupado com a vida dos demais, abraça com convicção aquilo que considera um ato de revolta frente a uma opressão.

Diante de tal preocupação é possível fornecer uma literatura próxima da realidade das pessoas, com temas e reflexões que tenham um sentido à realidade. Com isso o desenvolvimento dos romances escritos por Camus possuem temas sobre o absurdo e a revolta. A partir disso a filosofia pode ser um suporte aos leitores não acadêmicos ou estudantes de filosofia, sendo dessa forma, é possível fornecer uma aproximação com a realidade. Isso é um exemplo de dinâmica empática no momento dos escritos camusianos.

Nas obras analisadas é possível identificar que o absurdo se manifesta de diversas maneiras e cabe ao filósofo denunciá-las, pois estão intimamente ligadas à liberdade das pessoas. Existem coisas pelas quais as pessoas não escapam. Uma delas é sobre aquilo que o sujeito sabe, outra é sobre aquilo que é certo e pode ser tido como irrevogável. O ser humano

---

78 SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção de sentido**: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 41-42.

até pode desejar não saber o que sabe e desejar a unidade das coisas, porém a realidade absurda “ceifa” tal expectativa.<sup>79</sup>

Camus busca ser extremamente coerente na relação com seu pensamento e testemunho. A partir disso surge a necessidade de uma escrita coerente com aquilo que acontece junto do povo oprimido. “Entre ‘*Le Mythe de Sisiphe*’ e ‘*L’Homme Revolté*’ existe um elo no pensamento camusiano. O absurdo é colocado no final de ‘*Le Mythe de Sisiphe*’ como um ponto de partida para conclusões mais práticas.”<sup>80</sup> A dinâmica de escrita camusiana remete o sujeito a uma atitude.

A realidade absurda não apresenta uma unidade e coerência em relação àquilo que o ser humano anseia. Para Camus, a aspiração pelas ideias claras e distintas não se faz presente em um contexto de guerra, fome e miséria. Ocorre desse modo uma fratura entre o ser humano e a realidade. Diante de tal fratura surge a atitude solidária: a revolta. Uma condição empática do ser humano fragilizado e solitário, com a intenção de propagar a vida do próximo e da sociedade oprimida. É a inquietude do ser humano que causa a rebelião de lutar pelos direitos dos desfavorecidos.

A condição trágica da realidade leva o sujeito a pensar sobre o movimento necessário ao contexto que vive. O autor identifica na sua obra as formas pelas quais o absurdo pode ser suportado e possibilitar engajamento coletivo. Optar pela vida é uma atitude, é uma decisão! Diante dessa decisão surge a necessidade de enxergar o outro que está junto no mundo. Através disso a coexistência e a tomada de consciência da condição trágica, o sujeito passa a engajar-se frente àquilo que o oprime e não possibilite uma forma de vida, ou até mesmo “sobrevida”.

Anteriormente tratava-se de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida. Agora parece, pelo contrário, que será tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Viver uma experiência é aceitá-lo plenamente. Mas, sabendo-o absurdo, não se viverá esse destino sem fazer de tudo para manter diante de si o absurdo iluminado pela consciência. Negar um dos termos da oposição na qual se vive é fugir dela.<sup>81</sup>

Esse é o ponto que o autor busca fundamentar sua tese. A não necessidade de dar sentido último à vida pode mover o ser humano e tornar o absurdo mais suportável. O suicídio é um dado extremamente próximo da realidade, pois é motivado numa situação de esgotamento. Camus busca a alternativa pela qual o sujeito não escapa da vida em meio ao

---

79 Cf. CAMUS, 2019, p. 57.

80 BARRETO, Vicente. **Camus**: vida e obra. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1962, p. 66.

81 CAMUS, 2019, p. 59-60.

esgotamento, mas torna o absurdo um fardo a ser enfrentado com a perspectiva diferente. A partir disso a solidariedade se manifesta na condição humana.

“Viver é fazer que o absurdo viva. Fazê-lo viver é, contemplá-lo. [...] Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a revolta, o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão.”<sup>82</sup> O absurdo pode comandar a forma da existência a partir do momento em que é constatado. Cabe ao ser humano a tomada de atitude que remeta ao suporte em relação ao absurdo. Já que viver é dar vida ao absurdo, cabe ao ser humano revoltar-se e tornar o absurdo uma possibilidade de vida.

Camus indica, na experiência absurda, o afastamento do sujeito do suicídio. Com a experiência absurda levada ao extremo, as pessoas passam a agir de forma coerente com o absurdo. Agir de forma coerente com o absurdo é saber das limitações do ser humano no mundo e a partir disso dar continuidade à vida sem que haja apelações a entidades metafísicas ou ao suicídio. Viver é ter consciência de que o absurdo vive e isso implica o pensamento de que o absurdo existe através da existência das pessoas. A atitude da revolta é uma atitude do valor máximo da vida e da luta pela mesma.<sup>83</sup>

N’*O homem revoltado* é destacada a importância da revolta para vida das pessoas. A revolta é “pertencente ao homem. É o fenômeno que tem mostrado a fisionomia do homem do século XX de todas as partes do universo. Camus esforça-se para que percebamos que a revolta vai salvar o homem.”<sup>84</sup> A revolta é uma atitude de resignação em meio às adversidades do tempo em que as pessoas vivem. Essa atitude é uma atitude de resistência. Camus assinala que a atitude a ser tomada pelo sujeito absurdo é a da revolta, pois é a partir dela que a coletividade conseguirá engajar-se na luta pelos direitos violados.

A morte e a solidão foram mostradas como as grandes injustiças feitas ao homem. O homem vive e, vivendo, se sobrepõe ao destino. Estar destinado a morrer, e no entanto, viver com a certeza de sua finitude – eis todo o valor. Se a morte é o grande mal, é ela que faz a grandeza do homem. E vivendo, realizando, agindo, o homem dá a medida da injustiça que lhe é feita. Há em toda vida consciente uma revolta.<sup>85</sup>

A consciência impulsiona a revolta! Isso indica as medidas de resistência perante a consciência de que o mundo não é tão claro quanto poderia ser. As contradições presentes nos sistemas impossibilitam a propagação de vida. Essa realidade o autor busca denunciar e, a partir disso, destacar a realidade pela qual a humanidade resiste e persiste nas possibilidades

---

82 CAMUS, 2019, p. 60.

83 Cf. Ibid.

84 NOGARRO, 1991, p. 65.

85 Ibid., p. 37.

de prolongar ao máximo a vida. Ao estabelecer tal tese identifica-se uma série de sentidos diferenciados à revolta.

### 3.1.1 Revolta e reconhecimento

Camus afirma que a revolta é a atitude do sujeito consciente do absurdo em meio ao caos de sua época. O autor estabelece o questionamento sobre as resistências em relação à desigualdade presente em seu tempo. A resistência, frente a desigualdade, é um ato do sujeito que constata o absurdo e percebe que a realidade precisa ser enfrentada. “A revolta trás em si a afirmação de uma medida: o homem. A revolta como ação pretende o possível. A imagem reivindicada é a do homem de carne e osso, com todas as suas fraquezas, com todos os seus limites.”<sup>86</sup> A revolta não relativiza o sujeito, ela afirma o sujeito oprimido em sua finitude.

De tal modo destacam-se a resignação e resistência nos ciclos de pensamento do autor. Na primeira fase intelectual, com *O mito de Sísifo*, Camus enfatiza a noção do fracasso humano diante da realidade absurda. A partir disso surge uma reflexão sobre o suicídio e tudo o que o tal atitude significa para vida do sujeito. Já na segunda fase, na chamada maturidade intelectual, o autor se dedica a analisar os princípios das grandes revoluções. As mesmas ocasionam fortes questionamentos filosóficos, sociais e científicos em relação ao assunto central: a condição humana.

O ato de se revoltar é uma ação frente àquilo que gera tensão ao ser humano. O revoltado não é um sujeito isolado. Ele vislumbra o sofrimento em âmbito geral. Dessa forma, na medida em que as pessoas sofrem, o revoltado se torna um agente de resistência. A existência da pessoa que se revolta não é reduzida a mera passividade em relação à opressão e morte. A revolta é a ação que leva o sujeito a escolher pela vida diante da miséria, fome e guerra. A revolta remete as pessoas ao seu entorno e percebem que a melhor atitude a ser tomada é a luta pela igualdade e pela vida.

“O que é o homem revoltado? Um homem que diz não. Mas se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a vida, julga subitamente inaceitável um novo comando.”<sup>87</sup> A realidade opressora culmina na atitude da revolta! O filósofo franco-argelino ratifica a atitude do revoltado sendo aquele que diz não. É a negação a comandos externos que direcionam as pessoas às condições indignas de vida.

---

86 NOGARO, 1991, p. 41.

87 CAMUS, 2017, p. 23.

A revolta está associada à noção de exagero e abuso. As pessoas sentem-se esgotadas diante das privações e do impedimento de desfrutar das possibilidades. O revoltado leva junto de si a sensação do escravo ao ser explorado e assim percebe que pode lutar por sua dignidade. É uma constante resistência em favor de seus direitos oprimidos. É o ato de dizer “já basta”. O revoltado revestido da consciência sobre o absurdo, conclui que pode ir além do que lhe é imposto pelos outros.<sup>88</sup>

Barreto afirma sobre Camus “a luta por uma justiça aproximada o maior e mais difícil desafio para o homem. O homem descobre essa verdade porque é a única criatura cujo desejo por um mundo coerente e justo é constantemente frustrado.”<sup>89</sup> Diante da frustração humana ocorre a conclusão sobre o mundo absurdo. O ser humano, ao ter o desejo por clareza frustrado, se sente revoltado, pois luta por uma justiça e igualdade aproximada.

“O homem que se revolta defende o humano permanente, sem sacralidade, sem ‘ações de graça’. A revolta faz o homem sentir-se solidário, pois é um sentimento comum. [...] o absurdo invoca uma superação, é a revolta diante do mundo; comporta a afirmação de um valor objetivo. É a crença de que cada um precisa acreditar em si mesmo e em suas forças.”<sup>90</sup>

Diante disso, a revolta é assinalada como um sentimento que brota do coração das pessoas conscientes da realidade absurda. Conforme o autor franco-argelino o sentimento da revolta não conduz as pessoas ao salto metafísico-religioso. Tal sensação revela a necessidade da relação conjunta frente ao absurdo. É símbolo da resistência e luta por igualdade e pelos direitos das pessoas. É da natureza humana a revolta e a luta constante em enfrentar o absurdo.

“A condição humana e a condição histórica, segundo Camus, caracterizam-se pela injustiça e pela absurdidade. Do ponto de vista camusiano, a única atitude coerente frente a essa realidade é a revolta. Ela cria valores capazes de assegurar a justiça.”<sup>91</sup> A revolta é sentida de forma individual, por decorrência do absurdo. o que ocorre é que a revolta impulsiona o sujeito a viver resignado em meio ao absurdo. Por isso, na medida em que a pessoa se revolta ocorre a opção pela vida e a denúncia frente às opressões e desigualdades.

“O conteúdo negativo da revolta é a recusa da morte e de todo o sofrimento, já seu conteúdo positivo é a afirmação da dignidade humana, assim como a efetivação da

---

88 CAMUS, 2017, p. 23.

89 BARRETO, p. 67.

90 NOGARO, 1991, p. 43.

91 PIMENTA, Alessandro Rodrigues. A ética da alteridade na filosofia de Camus. **Philosophos**, Goiânia, V.17, N.1 p. 11-30, jan./jun., 2012, p. 14.

solidariedade.”<sup>92</sup> A luta pela igualdade e dignidade faz parte da vida do revoltado. A pessoa que se revolta tem consciência de sua solidão no mundo. Entretanto, não deixa de agir de forma solidária, pois ao constatar o absurdo ela também constata sua coexistência com demais pessoas. Isso remete ao pensamento solidário do sujeito solitário. Lutar pela vida e pela igualdade das pessoas é um ato de solidariedade, presente na obra de Camus.

A revolta é, contra a ordem do *cosmos*, um movimento frente ao absurdo. Camus não justifica o uso da violência contra o próximo. Ele defende a partir da revolta a solidariedade. A verdadeira revolta é a revolta fundada na solidão e culminada na solidariedade. Mesmo ao estar inserido na ordem injusta do *cosmos* o revoltado tem alguma atitude afirmativa em relação à vida. Uma pessoa revoltada não permite que a vida do próximo seja ceifada! A revolta não aceita a violência contra os demais. A atitude que assassina é a negação da revolta.

Revoltar-se é afirmar o ser humano. Ao afirmar o sujeito é possível enfrentar aquilo que oprime o mesmo. É o momento em que as pessoas revoltadas afirmam seu bem maior: a vida. Há muitas adversidades no cotidiano dos sujeitos em que é possível dizer sim. Porém a revolta dá um passo além ao afirmar que até certo momento o sujeito dava seu sim para determinados fatos. A partir de então, a pessoa não é mais a favor a qualquer violação ao ser humano e passa a lutar pela vida.<sup>93</sup>

“O que tento preservar na revolta é um bem que compartilho com os demais. É o homem que está sendo defendido. Atingido, não defende um valor que é só seu, mas um valor que vê em comum a todos os homens.”<sup>94</sup> A revolta é o ato do sujeito que pretende ser respeitado. Tal respeito é exigido, pelo revoltado, pela desigualdade sofrida em meio a sociedade. Não se trata de algo individual, porém de um bem coletivo que justifique toda e qualquer luta por direitos e pela vida.

Com isso, o filósofo de *L'Homme révolté* se preocupa em defender a vida através de revolta. “Camus afirma, inicialmente, que a revolta é o movimento pelo qual o homem se volta contra quem o oprime”.<sup>95</sup> Dessa maneira as pessoas defendem a vida oprimida. É a consciência em relação à opressão que alavanca as pessoas a lutarem pelos seus direitos. A revolta se opõe a qualquer tipo de injustiça contra a vida.

---

92 PIMENTA, 2012, p. 17.

93 Cf. NOGARO, 1991, p. 64-65.

94 NOGARO, 1991, p. 65.

95 PIMENTA, 2012, p. 16.

O momento em que limites são ultrapassados é o momento em que o revoltado diz: “já basta”. Desse modo ocorre a revolta. É uma atitude de coragem em relação àquilo que era suportável até o momento. Ocorre o momento de mudança de perspectivas, a partir da consciência do sujeito sobre algo intolerável. A revolta, para Camus, é uma ação do sujeito consciente que foi violado. Porém luta para conseguir abstrair a maior quantidade de possibilidades possíveis para restabelecer-se.

### 3.1.2 Revolta e suas ramificações

A partir da leitura de Camus identifica-se a passagem de ciclo de pensamento. A maturidade intelectual é um processo de passagem extremamente importante à obra do autor. Percebe-se, que os ciclos do absurdo e o ciclo da revolta não são estancados. Eles dialogam conceitualmente, porém ocorre uma diferenciação e avanço da análise camusiana em relação ao sujeito no século XX. A obra *Lettres a un Ami Allemand*<sup>96</sup> marca a passagem de ciclo do autor.

Em tal obra o autor escreve uma troca de correspondências com um amigo alemão. Nas correspondências o autor destaca a passagem conturbada dos anos de 1930 na Europa. Camus, uma pessoa lúcida e engajada com a ação coletiva e resistência destaca ao amigo a necessidade de um posicionamento teórico coerente em relação à guerra. Conforme a realidade opressora é necessário uma “contra-ação” em relação aos métodos de opressão.

Uma das palavras, pelas quais, Camus anseia por buscar na realidade e em suas obras é “justiça”. Não há dúvida de que a preocupação sobre a condição humana e ação coletiva não remetem ao sujeito ao pensamento sobre a possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária. Sem que haja um reducionismo em relação aquilo que é e aquilo que pode vir a ser. O importante é destacar a necessidade de repensar a realidade a partir da coletividade.

A verdade sobre o absurdo é em relação à junção ilógica entre o intelecto e a realidade. “O homem descobre essa verdade porque é a única criatura cujo desejo por um mundo coerente e justo é constantemente frustrado.”<sup>97</sup> Nessa condição frustrada surge a necessidade de uma atitude frente ao absurdo constatado. Camus é um autor que rejeita a opção pelo suicídio, pois o ato da morte voluntária impossibilita a manifestação da vida e reduz a existência a um grau de tempo menor. Por isso o autor se preocupa manifestar os pensamentos em relação à passagem de ciclo.

---

96 CAMUS, Albert. **Lettres a un Ami Allemand**. Paris: Gallimard, 1948.

97 BARRETO, 1962, p. 67.

Nesse ato de rever seus conceitos, o autor promove nas *Lettres a um Ami Allemand* uma reflexão sobre a necessidade de uma ação coletiva em relação à existência. Ele enuncia a consciência em relação às limitações do homem que promove uma consciência não somente em relação ao absurdo, mas possibilita uma forma positiva de revolta. A revolta, com a preocupação no engajamento e na formação de consciência, é a formadora de opinião mais eficaz pelo fato de remeter o sujeito a ação.

“L’Homme Revolte” começa com a distinção dos crimes. Existem crimes da paixão e crimes da lógica. Vivemos em uma época em que os crimes da paixão devam lugar as crimes da lógica. Os atuais criminosos não são mais os jovens apaixonados encontrados nas tragédias românticas. Atualmente os criminosos têm um álibi respeitável: matam para servirem a uma filosofia. O propósito de “L’Homme Revolte” é aceitar a realidade do momento, que é o crime lógico e examinar suas justificativas. O livro propõe-se desenvolver a problemática da revolta e da morte proveniente da reflexão sobre o suicídio e a noção de absurdo.<sup>98</sup>

O autor assinala na transição de ciclo uma passagem em relação a reflexão sobre o outro. Uma condição humana em decadência remete o sujeito a um pensar coletivo. Dessa maneira o absurdo não deixa de existir, mas, no ciclo da revolta, a atitude passa a ser levada mais a sério. O ato da indiferença ante a miséria é ignorado! Na medida em que em uma nação existem pessoas que passam fome, é necessário que hajam pessoas preocupadas em remeter condições dignas às outras pessoas.

Conforme a literatura camusiana, independente do terror que passe a pessoa, é devidamente rejeitada a opção última do suicídio. O suicídio é a última manifestação de esgotamento em relação ao absurdo. Cabe ao sujeito consciente do absurdo e revoltado dar possibilidades de suporte em relação à condição trágica do absurdo e esgotamento. “Rejeitar o suicídio seria uma fuga à confrontação entre o homem e o mundo ilógico no qual vive.”<sup>99</sup>

A vida se torna necessária para que a tensão do absurdo exista. Sem a primeira o segundo não existe. Isso pode levar o sujeito a morrer de suicídio, porém essa tensão existe através da faculdade de pensar que o ser humano possui. O intelecto humano, ao estar na tensão entre o mundo e o pensamento, pode proporcionar formas pelas quais o absurdo é cada vez mais suportável, por isso a revolta se faz presente. No segundo ciclo do pensamento do autor o que está em jogo, não é somente o suicídio, mas o assassinato e as mortes injustificadas.

---

98 BARRETO, 1962, p. 69.

99 Ibid.

“O homem revoltado é aquele que diz ‘não’: mas quando diz ‘não’ é um ‘sim’. Recusa alguma coisa porque, para êle, a situação chegou a um limite.”<sup>100</sup> A situação da pessoa consciente do absurdo é tensionada pela contradição. Diante dessa contradição o ser humano diz “não”. Essa negação é uma negação daquilo que oprime a existência e impossibilita a propagação de novas possibilidades. A revolta é resistência ante a opressão! É a regra básica do sujeito que afirma a vida e luta contra a injustiça.

### 3.2 Aproximação entre mitologia e empatia

No decorrer dos ensaios *O mito de Sísifo* e *O homem revoltado* é possível perceber uma grande aproximação com a mitologia grega antiga. Ao decorrer da presente investigação destaca-se a influência e leitura estabelecida por Camus e sua relação com os mitos clássicos. A influência em relação aos mitos é perceptiva e busca-se aproximar da vida dos sujeitos a imagem trágica dos personagens mitológicos. A aproximação feita é em relação à resignação dos mesmos frente as suas condenações.

É possível destacar, na primeira fase do pensamento de Camus, a imagem de Sísifo. Tal personagem condenado pelos deuses a rolar uma grande pedra ao cume da montanha durante todos os dias até o fim de sua vida. O motivo da condenação é pelo fato de Sísifo enganar os deuses para viver durante mais tempo na terra. A partir do descobrimento da trapaça, do personagem grego, os deuses o condenam a viver durante a eternidade a rolar uma pedra ao topo da montanha. Todo final de dia Sísifo se depara diante de sua desgraça e condição trágica. Dessa maneira o autor desenvolve uma reflexão sobre o absurdo e a condição ilógica da realidade.

No período da maturidade intelectual, o autor destaca a imagem de Prometeu. É o personagem rebelde e revoltado com os deuses da mitologia grega. Camus busca transferir o poder dos deuses às pessoas na terra. Desse modo, o autor justifica a falta de apelação em relação a uma entidade metafísica e transfere a responsabilidade ao ser humano. Com isso, Camus estabelece um desenvolvimento para além de sua própria filosofia, aquela da primeira etapa do percurso filosófico.

O autor assinala que existe uma realidade opressora e extremamente ilógica. O fracasso humano se manifesta cada vez mais frente à realidade de fome, miséria e guerras. Com isso o sujeito busca por respostas aos questionamentos sobre a condição humana. Em tal

---

100 BARRETO, 1962, p. 71.

perspectiva é possível identificar a imagem de Prometeu como uma imagem revoltada e resignada com o excesso de desigualdade e de privilégios. É o personagem engajado em transferir o poder dos deuses às pessoas.<sup>101</sup>

### 3.2.1 A *Peste* enquanto fenômeno filosófico

Conforme apresentado nas seções acima, é possível descrever o autor franco-argelino como um grande literato. Ele permanece engajado no tema do absurdo e da revolta. Ao esclarecer cada vez mais tais assuntos, o autor percebe uma função artística necessária para transcender aos acontecimentos do período em que vive. Essa produção artística se apresenta de diferentes modos: a partir do teatro com a encenação de um personagem absurdo; através da música, com as diferentes emoções e sensações que a mesma trás consigo. Porém um fato que Camus quer indicar é o papel fundamental do romance na vida dos sujeitos.

Há uma análise crítica sobre aquilo que o autor busca trazer nos seus escritos. Camus faz denúncias contundentes aos sistemas de opressão de seu tempo. Isso o faz pensar sobre diferentes perspectivas. Ele se preocupa com a condição humana de sua época e de qual forma é possível denunciar as formas de opressão da vida. Por isso ele elabora um meio de comunicação calcado em romances filosóficos. Na seguinte seção é buscado explicar o sentido das obras *O estrangeiro*<sup>102</sup> e *A peste*<sup>103</sup>. A primeira faz jus ao ciclo do absurdo e a segunda diz respeito ao ciclo da revolta.

Camus, ao escrever a obra *A peste*, está preocupado em relatar a história da cidade de Orã, devastada pela peste. No princípio da epidemia ocorre a morte dos ratos, que são encontrados aos montes nas ruas. Ao passar dos dias esse fato acontece de modo consideravelmente alto. O personagem da área da saúde, doutor ReiuX, se preocupa com o que pode acontecer com a cidade e conseqüentemente com as pessoas. Aos poucos as pessoas começam a ficar doentes e morrerem devido à peste.<sup>104</sup>

Cada vez mais o prefeito da cidade busca encontrar medidas preventivas de isolamento, contudo, a peste só aumenta a sua proporção, e faz com que diversas pessoas morram em decorrência de algo sem explicação. O Dr. ReiuX, ao longo do enredo, é questionando sobre sua descrença em Deus. Ele se encontra diante de um grande

---

101 Cf. CAMUS, 2017, p. 62.

102 CAMUS, Albert. **Estado de sítio/ O estrangeiro**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

103 CAMUS, Albert. **A peste**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

104 Cf. ULLMANN, Stephen. **The image in the modern French novel**: Gide, Alain-Ournier, Proust, Camus. New York: Barnes & Noble. p. 270, 1963.

questionamento sobre a existência divina e a possibilidade entre no período de peste. O médico responde que:

[...] se acreditasse em Deus todo-poderoso, deixaria de curar homens, entregando a ele todo esse cuidado [...] Reix julgava estar no caminho da verdade, lutando com a criação tal como ela era. [...] Não sei o que me espera, nem o que virá depois de tudo isso. No momento, há doentes e é preciso curá-los. Em seguida, eles refletirão e eu também. Mas o mais urgente é curá-los. Eu os defendo como posso, é tudo.<sup>105</sup>

Essa é a atitude de um sujeito consciente do absurdo. O absurdo se faz presente na junção ilógica entre a consciência humana e a realidade. O Dr. Reix sabe que o mundo não é suficientemente coerente como o ser humano almeja. Ele precisa lutar com todas suas forças para enfrentar o absurdo com engajamento. O esforço exercido pelo personagem é diário, no romance de Camus, e não o faz crer em Deus por promessas eternas ou de vida futura. Apelar é deixar de esforçar-se para o restabelecimento. É abrir mão das possibilidades que a própria força do sujeito é capaz de oferecer.

Camus assinala que o importante é aquilo que o ser humano consegue fazer para servir de fortaleza ante o absurdo. “Não espere o Juízo Final. Ele se realiza todos os dias.”<sup>106</sup> Ele não está preocupado na crença em uma vida futura na qual o ser humano pode projetar. O importante é o momento em que o absurdo se manifesta e a atitude filosófica frente a isso. O sujeito precisa ter a consciência de que o absurdo faz parte da vida de cada um.

Conforme Camus, a clareza sobre a vida humana ser uma vida finita e que, de fato, a realidade não se faz a mesma da almejada, é possível destacar o ponto em que a apelação é fútil. Diante de tal futilidade o autor se preocupa em fornecer consciência às pessoas através de reflexões sobre a existência humana. Com isso o autor estabelece um romance extremamente próximo da realidade das pessoas na segunda guerra mundial. Tal romance é intitulado *A peste* e propõe diversas reflexões sobre a condição humana.

### 3.2.2 O absurdo n’*O estrangeiro*

A obra do autor franco-argelino é repleta de paradoxos. Um deles é relacionado ao absurdo presente em seus romances. Outro diz respeito ao modo pelo qual o mesmo desenvolve denúncias à sua realidade. Por sua vez, a intenção dessa seção é destacar o sentido pelo qual o romance *O estrangeiro* é considerado uma obra do ciclo do absurdo e como o absurdo se apresenta mediante as reflexões de Meursault.

---

105 CAMUS, 2014, p. 121-122.

106 CAMUS, 1956. p. 87.

“La evidencia del divorcio que existe entre el yo y el mundo implica que ‘el reino’ del hombre absurdo es [...] el mundo es diversidad, y el yo, sed de unidad; presente, porque no hay esperanza..”<sup>107</sup> Nesse sentido a análise do personagem da obra de Camus se torna conexa com o conteúdo desenvolvido pelo autor n’*O mito de Sísifo*. A realidade é absurda aos olhos humanos e viver assim é um crescente tormento, pois a mente humana tem necessidade de clareza. As coisas não se apresentam do modo que as pessoas gostariam que fosse.

Nesse romance os temas da liberdade e absurdo são tratados de uma forma sutil. Busca-se representar os meios pelos quais o autor apresenta o absurdo presente na realidade humana e como essa realidade é passível de denúncias frente às desigualdades que ocorrem. Camus está preocupado em desenvolver romances com reflexões hodiernas aos leitores de sua época, dessa maneira possibilita pensamento crítico ao povo que pode se mobilizar de diferentes formas em relação ao absurdo. A realidade pela qual o autor se preocupa é com a formação de consciência com o intermédio de romances. A seguir apresenta-se um esboço do romance e os meios pelos quais é possível estabelecer consciência com o mesmo.

### 3.3 O PERSONAGEM ABSURDO

Camus é filósofo e um escritor que denuncia os problemas da realidade. Percebe-se a falta de clareza no mundo e que as pessoas necessitam esclarecimento. Isso faz com que o autor se aproxime dos assuntos das pessoas não inseridas na filosofia de forma acadêmica. Preocupa-se com as condições pelas quais fazem com que pessoas deixem de viver de forma voluntária: o suicídio e a ação das pessoas em relação a tal perspectiva. A partir do romance *O estrangeiro*, caracterizado como sendo da primeira fase de seu pensamento, um romance por meio do qual é relatado o absurdo.

N’*O estrangeiro* se destaca uma exposição em forma de romance. No mesmo o autor assinala e analisa o absurdo. Meursault é um sujeito consciente do absurdo e a favor da experiência imediata.<sup>108</sup> É perceptível, no decorrer da obra, a noção literária do absurdo. N’*O mito de Sísifo* encontra-se a noção do absurdo com as atitudes da pessoa consciente diante de tal realidade. Contudo, no romance *O estrangeiro* destaca-se o personagem a complementar a

---

107 ORTEGA, Rubén Maldonado. **Absurdo y rebelión**: una lectura de la contemporaneidad en la obra de Camus. -- Barranquilla: Ediciones Uninorte, reimp. 2010, p. 40.

108 É possível aproximar com o hedonismo presente na condição dos personagens que buscam cada vez mais a quantidade.

teoria da primeira obra. A partir do absurdo ele se torna quantitativo frente às experiências e indiferente à qualidade das mesmas.

O personagem é identificado durante a trama como sendo uma pessoa indiferente e com uma atitude passiva frente à realidade. Ao decorrer da obra Meursault – personagem principal – repete várias vezes a expressão “tanto faz”<sup>109</sup>. Identifica-se a partir de tal análise a indiferença presente no personagem em relação à qualidade de suas experiências. Se algo ocorre ou deixar de ocorrer não há diferenças, pois a obra demonstra um estilo de vida indiferente.

Meursault nega a oportunidade de mudar de país e ter uma vida diferente, pois pensa que “tanto faz”. “Disse que sim, mas que no fundo me era indiferente.”<sup>110</sup> Para ele a vida precisa há de ser enfrentada em qualquer lugar. Independe da localização, a condição absurda está em todo o lugar. O absurdo se encontra na Argélia, local em que vive, e na França, local para onde iria. A conclusão do personagem é permanecer onde está e evitar contratemos.

Meursault é o sujeito consciente do absurdo e por isso vive a indiferença. Diante da cena de uma possível promoção no trabalho e oportunidade de morar em outro país o personagem responde com uma resposta indiferente. “Poderia assim viver em Paris e viajar durante parte do ano.”<sup>111</sup> Para o personagem: a vida é igual em qualquer lugar e não há qualidade nas experiências ao homem absurdo. O interesse do personagem é destacar que a vida deve ser desafiada independente do lugar que estiver. De tal forma ele constata que o absurdo está em toda parte.

Os investigadores tinham sabido que eu ‘dera provas de insensibilidade’ no dia do enterro. – Veja se compreende – disse o advogado –, custa-me um bocado perguntar-lhe isto. Mas é importante. E será um grande argumento para a acusação, se eu não conseguir dar resposta. – Queria que eu o ajudasse. Perguntou-me se eu, neste dia, tinha tido pena da minha mãe. Esta pergunta muito me espantou e parecia-me que não era capaz de a fazer a alguém. Não obstante, respondi que perdera um pouco o hábito de me interrogar a mim mesmo e que era difícil dar-lhe uma resposta. É claro que eu gostava da minha mãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres saudáveis tinham, em certas ocasiões, desejado mais ou menos, a morte das pessoas que amavam.<sup>112</sup>

Camus identifica um personagem no processo de acusação da morte de um árabe na praia. Tal fato ocorre devido uma acusação de um crime cometido de forma absurda. As motivações do homicídio são absurdas. O sol ofusca os olhos de Meursault e isso o leva a disparar no árabe. A justificativa é sem sentido. Após o assassinato o personagem passa ao

---

109 CAMUS, 1979, p. 202.

110 Ibid.

111 Ibid.

112 Ibid., p. 229.

juízo e encara a realidade absurda da forma que se apresenta. A opção em encarar tal condição é a atitude de afirmar o absurdo presente na vida do sujeito. Enquanto a segunda parte da obra fala do juízo, a primeira afirma a vida absurda do sujeito com relações e fatos que são questionáveis.

“Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames.’ Isso não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.”<sup>113</sup> A obra começa dessa forma, de uma maneira que abala o leitor nas primeiras linhas. A atitude do personagem frente a morte da mãe é algo que remete ao espanto. É uma atitude passiva frente a realidade que ocorre. Meursault imagina que o fato ocorrido não possui mais volta e isso faz com que ele encare a realidade da morte de sua mãe de um modo passivo.

“Él pide permiso para ir a enterrarla, y lo hace sin lágrimas y sin ninguna verdadera muestra de dolor, porque manifestarla le parecía de una hipocresía imperdonable.”<sup>114</sup> Mostrar dor nesse momento é considerado uma hipocrisia. O personagem vive sua vida dessa forma: um imenso mundo de passividade e de “tanto faz”. Chorar por sua mãe no momento em que não está presente não possui sentido para a pessoa da trama.

Depois do enterro de sua mãe, o personagem se envolve com uma mulher, Maria Cardona e vive como se a morte de sua mãe não significasse nada. O novo casal vai ao cinema e a praia, ao passo que Meursault encontra-se totalmente indiferente quando ela o questiona se o ama. O importante para ele é que estão juntos. Após isso ele encontra Raymond Syntès, com quem faz uma amizade.

Raymond é um sujeito violento e busca castigar de forma física sua amante. Com esse fato de agressão ocorre uma ira dos árabes, parentes da amante de Raymond. Eles o buscam na praia. Meursault e Maria estão juntos na praia e o personagem, que enterra sua mãe uns dias antes, tira a arma da mão de Raymond para evitar um crime. Momentos depois de Meursault retornar a praia e encontrar os árabes reinicia-se uma luta. Sem entender nem como e por qual motivação o personagem dispara uma e depois mais quatro vezes no árabe. Dessa forma absurda ele mesmo comente o crime que gostaria de evitar anteriormente. Ele lembra que fez isso pelo fato de haver muito sol e os tiros eram como toques na porta da delegacia.

“The novel is based around three important events: the funeral of Meursault’s mother, during which he displays a disconcerting lack of emotion; his killing of an

---

113 CAMUS, 1979, p. 155.

114 RODRÍGUEZ, Luis Antonio Calderón. **Albert Camus**: o la vigencia de una utopía. – Manizales. Editorial Universidad de Caldas, 2004, p. 143.

unnamed Arab under fairly obscure circumstances; and Meursault's trial and impending execution. The story culminates in the hero being condemned to death, and concludes with him confronting his fate at the guillotine."<sup>115</sup>

Na segunda parte da obra o autor esboça a condenação do personagem. Sem dúvida o corte ocorrido da parte do assassinato até o momento da prisão é expressivo pelo fato de dizer respeito ao momento em que Meursault encontra-se diante da situação absurda. Ele interpreta seu caso como sendo simples e não escolhe advogado de defesa. A sensação que se pode ter do personagem é de um sujeito que continua na dinâmica do “tanto faz” apresentado na primeira parte da obra. Nesse caso ele abraça o absurdo que está diante de si, sem nenhuma forma de resistência ou apelação.

“Meursault se siente inocente a lo largo de la primera parte de su relato. [...] No tenía sentimiento de culpa por causa de su gran indiferencia, la que a la larga habría de significar su condena. Había sido un hombre libre, pero no había tenido conciencia de ello y así como era un hombre libre, hay que comprender que era un hombre inocente, aunque tampoco hubiera tenido conciencia de ello.”<sup>116</sup>

Em contrapartida da condenação é possível encontrar um personagem que toma consciência e imagina ser inocente do crime ocorrido. A culpa não o assombra devido a grande indiferença que possuía diante da situação. Tanto na primeira parte do romance, quando fala com Maria sobre não haver diferença se a ama ou não, quanto na segunda parte, ao falar sobre não haver necessidade de um advogado, é possível identificar que o absurdo toma conta da obra. A vida do personagem não deixa de ter indiferença por causa da consciência sobre o absurdo. Tal consciência remete o sujeito ao desprendimento daquilo que o sufoca.

Na seção seguinte busca-se expressar as formas pelas quais o autor destaca a arte enquanto contribuinte para formação de opinião e resistência. Esse desenvolvimento ocorre de forma ampla, a partir de imagens, pinturas, teatro e romances. A resistência se mostra na obra de Camus a partir da consciência que as obras promovem. Promover consciência sobre o absurdo é fomentar a resistência. Resistir é um ato consciente e que torna o absurdo mais suportável.

---

115 FOLEY, John. **Albert Camus**: from the absurd to revolt. Abingdon – Inglaterra: Routledge. 2008, p. 14.

116 RODRÍGUEZ, 2004, p. 145.

#### 4 ARTE PARA CAMUS

Para Camus, a arte é uma forma de criação. É a manifestação da tensão entre o homem e o mundo, é o modo artístico pelo qual o absurdo se expressa. A partir do momento em que o homem se encontra vencido pelo absurdo ele também consegue criar e se revoltar. A criação e a revolta são atitudes do sujeito em homenagem à sua dignidade. É necessário haver fidelidade à regra do combate em tempo de guerra para sobreviver! A guerra não pode ser negada; ou o sujeito vive ou morre, essa é a dinâmica denunciada. O absurdo, dessa forma, é a forma de reconhecer as lições que o mesmo pode trazer e buscar continuamente viver. O deleite ao absurdo é a criação.<sup>117</sup>

Nesse trecho o filósofo em análise parafraseia Friedrich Nietzsche: “‘a arte, e nada mais do que a arte’, diz Nietzsche, ‘temos a arte para não morrer ante a verdade.’”<sup>118</sup> Camus está interessado no papel da arte frente a criação absurda. Como visto, em análise anterior, o absurdo é algo a ser enfrentado pelas pessoas. O autor assinala que a atitude cabível a ser tomada é a da criação absurda, pois nela se manifesta toda indignação e revolta do sujeito em meio ao absurdo. O filósofo indica que não há como escapar do absurdo, a não ser pela morte. Porém, em vida o absurdo está impregnado em cada sujeito.

É necessário conviver com o absurdo e descobrir seu deleite na criação absurda e na capacidade do sujeito em restabelecer-se diante daquilo que ocorre. O absurdo é a contradição entre o intelecto humano, que clama por clareza, e a irracionalidade do mundo do jeito que se apresenta. Sem buscar qualquer recompensa futura, mas contemplar a vida que pode ser vivida no agora, independente da situação que intensifique ou não o absurdo. A capacidade de criação dos sujeitos é capaz de promover suporte ao sujeito a não morrer ante a verdade. Camus tece uma crítica à morte em sentido voluntário, o suicídio.

As pessoas se encontram em meio a situações que geram tensões, diante do mundo e delírio ordenado. Com esses fatos, que o filósofo vivencia, é possível ter clareza da importância da criação absurda: a de manter o sujeito unido as suas aventuras. “Ao mesmo tempo, sua única força é a criação contínua e inapreciável à qual se entregam todos os dias de sua vida, o comediante, o conquistador e todos os homens absurdos.”<sup>119</sup> As pessoas possuem o anseio de recriar a própria realidade. O que interessa para o sujeito absurdo é sentir e

---

117 Cf. CAMUS, 2019, p. 97.

118 Ibid.

119 Ibid., p. 98.

descrever a realidade como ela é de fato. Com isso a criação absurda se intensifica pela necessidade de clareza e recriação do que se apresenta diante dos olhos das pessoas.

O autor indica que a obra de arte tem uma conotação absurda, pois é uma manifestação e criação absurda e por um momento pode parecer sem sentido. O que importa é sentir, vivenciar e descrever, através da criação, aquilo que está acontecendo no íntimo do sujeito absurdo. Com isso é possível encontrar o lugar da obra de arte na vida do sujeito absurdo criador. A criação é a manifestação do que se apresenta diante das pessoas.

Descrever é a ambição do pensamento absurdo, ao passo que a ciência aplica ao chegar ao fim de seus paradoxos, de contemplar a nudez da natureza e seus fenômenos. O que surpreende o sujeito absurdo é a diversidade do mundo, por isso explicar é inútil. É necessário descrever, pois seu ato é uma manifestação frente aquilo que abala as pessoas. Para o sujeito absurdo o importante é a sensação da experiência, ao passo de não esgotar a quantidade. Esse sujeito é alguém tomado da necessidade de quantificar suas experiências. O lugar da obra de arte está relacionado em proporcionar a experiência de contemplação inesgotável ao sujeito absurdo. A arte para Camus é considerada uma experiência necessária para estabelecer a criação de uma multiplicidade de novas experiências.<sup>120</sup>

Ao longo da obra do filósofo é possível encontrar um traço marcante com a arte. Isso ocorre pelo fato do autor se encontrar na fronteira da filosofia com a literatura. É uma característica interessante, pois demonstra que os romances e peças teatrais se tornam chaves de leituras filosóficas. Ele indica seu posicionamento em relação à arte. A arte é considerada como repetição monótona de temas do mundo: o corpo; as diversas cores; as formas; as imagens inesgotáveis. Aplica-se dessa maneira o papel de admiração do sujeito absurdo em relação à arte.

Seria um erro ver aqui um símbolo e acreditar que a obra de arte possa ser considerada um refúgio diante do absurdo. Ela é em si mesma um fenômeno absurdo e a questão apenas é descrevê-lo. Não oferece uma saída para o mal de espírito. É, ao contrário um dos sinais desse mal, que o repercute em todo pensamento de um homem. Mas, pela primeira vez, tira o espírito de si mesmo e o coloca diante de outro, não para que se perca, mas para mostrar-lhe com um dedo preciso o caminho sem saída em que todos estão comprometidos. Na época do raciocínio absurdo, a criação sucede a indiferença e a descoberta. Determina o ponto de onde as paixões absurdas se desencadeiam e onde o raciocínio se detém.<sup>121</sup>

O autor identifica o que é a arte em meio ao contexto do absurdo e quais as consequências da mesma. Ela, a arte, é uma válvula de escape em relação ao absurdo, pelo

---

120 Cf. CAMUS, 2019, p. 98.

121 Ibid., p. 99.

contrário, é um resultado absurdo do mundo que se manifesta absurdo. É a manifestação do criador absurdo, livre de qualquer preconceito. Torna a ser um sujeito criador de um emaranhado de possibilidades que não se esgotam. O criador absurdo é aquele que esgota ao máximo as oportunidades de criação.

O criador e pensador tem fatores em comum. Buscam as contradições do absurdo. A obra de arte tem o papel de engajamento com o absurdo. Há o pressuposto de que a criação e o pensamento do sujeito partem do absurdo e a formação de consciência está relacionada ao funcionamento ilógico do mundo. Por isso Camus se interessa em saber se é possível existir obra absurda em circunstâncias absurdas e como essas circunstâncias interferem na produção artística. “A ideia de uma arte separada do seu criador não apenas está fora de moda, como também é falsa.”<sup>122</sup>

É impossível um artista ser totalmente dissociado de sua obra de arte. A arte é algo vivencial, principalmente em um meio absurdo, com a intenção de especificar e denunciar aquilo que abala as pessoas. Camus indica a idêntica relação entre filosofia e arte. Para ele, um filósofo não cria vários sistemas, da mesma forma um artista não apresenta mais de uma coisa em diversas perspectivas. Há um sentido vivencial em relação à arte do criador e a filosofia do pensador. O artista e o filósofo possuem o ponto em comum de se comprometerem dentro de sua obra.

Isto deve ser dito desde o começo. Para tornar possível uma obra absurda, é preciso que o pensamento, na sua forma mais lúcida, esteja inserido nela. Mas, ao mesmo tempo, é preciso que só apareça como inteligência ordenada. Este paradoxo se explica de acordo com o absurdo. A obra de arte nasce da renúncia da inteligência a raciocinar o concreto. Marca o triunfo do carnal. [...] A obra de arte encarna um drama da inteligência, mas só a demonstra indiretamente. *A obra absurda exige um artista consciente de seus limites e uma obra em que o concreto não signifique nada além de si mesmo.* Ela não pode ser o fim, o sentido e o consolo de uma vida. Criar ou não criar não muda nada. O criador absurdo não se apegava à sua obra. Poderia renunciar a ela; às vezes, renuncia.<sup>123</sup>

O desprendimento do criador absurdo é importante em relação à sua obra. Contudo, a obra artística não representa nada além do concreto, à realidade absurda expressa no cotidiano das pessoas. O caminho seguido pelo criador absurdo é o de representar somente o concreto, ou seja, ele cria algo que represente o cotidiano do artista. Da mesma forma o filósofo também possui o compromisso de escrever para seu tempo e dar suporte aos seus contemporâneos.

---

122 CAMUS, 2019, p. 99-100.

123 Ibid., p. 100 (grifo nosso).

#### 4.1 O PAPEL DA ARTE PARA CAMUS

Conforme analisado acima, identifica-se o papel da arte em relação ao cotidiano e as ações do sujeito criador em meio ao absurdo. A obra de arte sempre necessitada do ser humano para ser executada, apreciada e vivenciada. Isso não existe fora da realidade humana. Para Camus a natureza não deixa de ter seu funcionamento natural. O absurdo só ocorre nas possibilidades de pensamento humano e por tal motivo a arte se torna primordial e necessária. Dessa forma o ser humano resiste ao absurdo. O ser humano possui papel fundamental em relação ao absurdo. O sujeito se aplica em relação aos acontecimentos e manifesta a realidade na obra de arte. Para Camus o grande artista é:

[...] um grande ser vivo, entendendo-se que viver, aqui, é tanto sentir como refletir. A obra encarna, então, um drama intelectual. A obra absurda ilustra a renúncia do pensamento aos seus prestígios e sua resignação a ser apenas uma inteligência que põe as aparências em movimento e cobre com imagens o que carece de razão. Se o mundo fosse claro, não existiria a arte.<sup>124</sup>

O autor franco-argelino identifica uma atitude do criador absurdo: é projetar em sua obra, tudo aquilo que faz parte de sua realidade e nada além dela mesma. Criar é representar conforme aquilo que o artista vivencia. Não é possível esquecer o sentimento e reflexão do sujeito criador em meio à realidade ao expressar seu sentimento em sua obra de arte. O artista absurdo cria sem abstração, conforme seu tempo, sua história e sua necessidade de clareza diante de fatos ilógicos. A função do artista e sua arte é expressar a realidade. A folha em branco está envolta de desejo de criação e se torna fonte e uma forma de representar o contexto caótico da sociedade do século XX.

Camus intensifica o sentido da arte no contexto conturbado do século XX. A fome, miséria e a guerra são expressas de diferentes formas em um contexto de guerra. O autor é um homem de seu tempo! Tal característica faz com que ele volte o olhar aos fatos e preocupações do povo que sofre com o contexto de guerra. A arte possui o papel de possibilitar uma criação de resistência aplicada que identifique a realidade dura e absurda do sujeito absurdo.

Nas obras, do filósofo em análise, é possível identificar a importância de explorar todas as possibilidades possíveis de criação. O sujeito absurdo é alguém preocupado com a quantidade de oportunidades que possa explorar. A quantidade faz parte da reflexão referente ao absurdo. A atitude de criar e vivenciar ao máximo toda e qualquer oportunidade é o que

---

124 CAMUS, 2019, p. 101.

leva o sujeito a optar pela vida. Ademais, a reflexão absurda toma seu ápice ao se tornar uma atitude filosófica para proporcionar vida e engajamento.

A filosofia expressa pelo autor é uma relação intensa do sujeito com o seu tempo. é algo associado ao sujeito pelo fato de existir “[...] a união do homem com o mundo [...]. É uma união amorosa. É a comunhão com a natureza que explica toda a obra de Camus.”<sup>125</sup> O importante é perceber essa união como algo que possibilita ao sujeito escolher a vida e tudo o que surge junto da mesma. A vida é uma constante tensão entre desejo e realidade. Existem opressões no mundo que põem em tensão o real desejo humano.

O autor d’*O mito de Sísifo* indica o princípio da obra de arte. “Não existem fronteiras para compreender e amar. Elas se penetram na mesma angústia que as confunde.”<sup>126</sup> Através da ligação do homem com o seu tempo existe uma conexão tensa, uma desordem e vertigem. A confusão está no artista e apreciador que buscam extrair conteúdo metafísico da arte expressa. Para o autor, a arte é a realidade expressa por si só de seu tempo a seu modo. Sem nenhuma metafísica envolvida, o artista está preocupado em transmitir e denunciar o absurdo de sua realidade. O criador absurdo não possibilita a confusão metafísica em sua obra, pelo fato de estar preocupado em geral uma denúncia e espanto frente a realidade expressa em sua obra.

Diante de tal perspectiva Camus assinala o momento em que a expressão acontece na vida do sujeito consciente do absurdo. “A expressão começa onde o pensamento acaba. Os adolescentes de olhos vazios que povoam os templos e museus puseram sua filosofia em gestos. Para o homem absurdo ela ensina mais que as bibliotecas”<sup>127</sup>. Ele indica que ponto alto do conhecimento não está somente nas grandes teorias que podem ser abstraídas. Conhecer algo e abstrair algum ensinamento é fazer a atividade primordial das pessoas uma verdadeira potência criativa, possibilitada pela arte. É necessário ter consciência de uma forma em determinado local e tornar isso fonte de reflexão e consciência. Eis o papel da arte!

A música também possui papel de expressão em um universo inumano. É no espaço sonoro que é possível abstrair tal expressão artística. É a expressão artística mais pura, pois o homem absurdo assume como suas as harmonias e formas musicais.<sup>128</sup> É a maneira de sentir de diferentes formas a criação absurda, através de manifestações sonoras. Portanto o filósofo franco-argelino indica que o absurdo está tão presente na vida das pessoas quanto elas

---

125 PIMENTA, 2006, p. 42.

126 CAMUS, 2019, p. 100.

127 Ibid., p. 101.

128 Cf. Ibid., p. 101-102.

imaginam. As expressões e formas de resistência diante do absurdo ocorrem de diversas formas. Camus busca encontrar elementos de absurdo nas obras, em especial romances. A próxima seção volta o olhar da pesquisa a esse ponto: o romance e o absurdo, com as diferentes formas de resistência frente ao caos.

## 4.2 ABSURDO E LITERATURA

Camus, no ciclo do absurdo, assinala a ideia de que criar é aproveitar ao máximo toda e qualquer possibilidade de representação do cotidiano. Independente do meio pelo qual haja a representação, ela ocorre na expressão artística, musical, teatral e escrita. As expressões identificam-se como absurdas, pelo fato de manifestarem o absurdo presente no cotidiano das pessoas. Existe o clamor por clareza que faz o sujeito criar.

Pensar é antes de mais nada querer criar um mundo (ou limitar o próprio, o que dá no mesmo). É partir do desacordo fundamental que separa o homem de sua experiência, para encontrar um terreno de entendimento segundo a sua nostalgia, um universo engessado de razões ou iluminado por analogias que permita resolver o divórcio insuportável. O filósofo, mesmo que seja Kant, é criador. Tem seus desenlaces. Ao contrário a vantagem do romance sobre a poesia e o ensaio representa apenas, e apesar das aparências, uma maior intelectualização da arte. [...] O romance tem sua lógica, seus raciocínios, sua intuição e seus postulados. Tem também sua exigência por clareza.<sup>129</sup>

Criar não é isolar-se da vida das pessoas. É justamente buscar aproximar as reflexões do espaço do sujeito. O que impulsiona o sujeito a criar é um desejo enorme por clareza. Independente se for um grande teórico ou um grande romancista a pulsão criadora se dá através do desejo de clareza. Cada um, em suas diversas situações e circunstâncias tem o desejo criador que está ligado à constante revolta, causada pelo absurdo. Criar é buscar a clareza em meio ao mundo obscuro. Criar é a atitude que compromete a vida do artista, do romancista e do filósofo. Camus indica o caminho e método do criador em relação as suas obras. Assinala a possibilidade de extrair um bom conteúdo em meio a grandes romances e peças teatrais, com a mesma intensidade de um ensaio filosófico.

A literatura possui papel importante para vida do leitor. Ao ler um romance filosófico, é possível repensar a condição humana, pois ele esboça e questiona a realidade das pessoas. “É preciso tempo para viver. Como toda obra de arte, a vida exige que se pense nela.”<sup>130</sup> Pensar na vida, de forma ampla, não é somente atitude da pessoa que escolhe a filosofia, mas

---

129 CAMUS, 2019, p. 102.

130 CAMUS, Albert. **A morte feliz**. – 4ª edição – Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 78.

de toda pessoa que tem consciência da realidade pela qual vive. É a constante busca por clareza frente às tensões da realidade.

É possível identificar nos escritos do autor a preocupação em disponibilizar a filosofia de um modo acessível. Camus está engajado eticamente com sua realidade e possui a intensão de promover consciência de que o absurdo pode ser encarado. Suas obras são resultado de um posicionamento ético e vivencial com a realidade. Assinala-se o romance *O estrangeiro*, pelo fato de haver uma reflexão diante de fatos absurdos de um sujeito que encara a realidade pela qual está inserido e opta pela vida através da consciência da realidade.

#### 4.2.1 A filosofia e o ato de criação absurda

Camus indica que a filosofia não pode estar dissociada da vida do pensador.<sup>131</sup> Através de tal afirmação é possível perceber uma validação dos seus escritos com seu modo de vida, pois são escritos temas relacionados ao sofrimento e angústia humana. É o caso da criação absurda: as pessoas criam envolvidas no emaranhado absurdo pelo qual estão inseridos. Preocupar-se com seu tempo é escrever sobre a realidade que assombra um escritor, mas não somente quem escreve, mas, também os seus contemporâneos. Escrever é representar a realidade absurda aos contemporâneos e auxiliá-los a extrair o máximo de possibilidades possíveis da realidade em que vivem.

Em períodos obscuros, o pensamento abstrato, serve como suporte para enfrentar a realidade. Os romances seguem uma espécie de visão de mundo estabelecida pelos autores. Através do romance podem ser esclarecidas as exigências dos leitores em relação à realidade. “Não se contam mais ‘histórias’, cria-se seu universo. Os grandes romancistas são filósofos, ou seja, o contrário de escritores com teses.”<sup>132</sup> Expressar a realidade de modo prático também é uma forma de fazer filosofia. Por tal motivo criar um universo, em forma de romance, é uma forma de expressar a realidade pensada conforme as pessoas do cotidiano sentem.

Consideram [os pensadores] a obra como fim e ao mesmo tempo como princípio. É a culminação de uma filosofia muitas vezes não manifesta, sua ilustração e seu coroamento. Mas ela só se completa pelos subentendidos dessa filosofia. É legítima por fim essa variante de um tema antigo: um pouco de pensamento afasta a vida, mas muito pensamento, retorna a ela. Incapaz de sublimar o real, o pensamento se

---

<sup>131</sup> Cf. VANBORRE, Emmanuelle Anne. The Originality and Complexity of Albert Camus’s Writings. **Albert Camus’s The Fall: The Vertiginous Fall into Language, Representation, and Reality**. New York: Palgrave MacMillan, p. 38, 2012.

<sup>132</sup> CAMUS, 2019, p. 103.

limita a imitá-lo. O romance em questão é o instrumento desse conhecimento ao mesmo tempo relativo e inesgotável, tão parecido com o do amor.<sup>133</sup>

Camus identifica que a ideia da percepção sensível possibilita maior compreensão do conteúdo. Por tal motivo o romance toma grande espaço, pois exprime aos leitores os reais pensamentos em relação à realidade. Os fatos são expressos em romances e nesses romances ocorre a reflexão. Uma característica importante a destacar é sobre a semelhança da escrita e vida do autor referido. A maioria de suas obras é em forma de romance ou peça de teatro. O autor corrobora a ideia de um sujeito de seu tempo, associado à realidade e sem fuga da mesma. Ele possibilita consciência diante das peculiaridades e misérias do contexto que vive aos seus contemporâneos.

No pensamento do filósofo do absurdo destaca-se a semelhança do escritor em relação à vida. Ele reconhece grandes nomes da literatura que deixaram a vida de forma voluntária. Camus tem o interesse em conhecer e descrever a força pela qual tais escritores praticam tal ato, o da morte voluntária. Também busca entender qual o meio dos que tem em mente o suicídio de não o cometer.<sup>134</sup>

Essa semelhança entre o sujeito absurdo e o romancista absurdo ocorre de modo semelhante, pois ambos estão envoltos no mundo absurdo e necessitam criar para resistir. Existe algo em comum entre as pessoas que optam em viver sem o apelo metafísico. Camus tem o interesse em saber se uma pessoa pode viver sem apelo e a forma pela qual tal pessoa vive. Dessa maneira ele busca entender o que leva o sujeito a trabalhar e a escrever sem a necessidade de apelação metafísica.

Todo ser humano está fadado à morte. A mortalidade é um dado da condição humana. Mas o fato de que apesar da morte os homens são capazes de agir e iniciar o novo possibilita afirmar que a própria existência humana e sua ação no mundo é um contínuo protesto contra nossa condição mortal.<sup>135</sup>

Apelar, para Camus é deixar existir! Sua literatura, peças teatrais e ensaios filosóficos assinalam a necessidade de resistência diante daquilo que assombra o ser humano. Apelar é deixar de lutar. Deixar de resistir é um suicídio filosófico, é entregar-se à condição absurda e deixar que ela tome conta da situação sem que a pessoa revide. Revidar é resistir: é não apelar para entidades metafísicas; é manter-se em questionamento; é permanecer consciente que o

---

133 CAMUS, 2019, p. 103.

134 Cf. CAMUS, 2019, p. 103.

135 VAZ, Ricardo Vieira. Os Justos e o amor ao mundo em Albert Camus. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS (Online)**, v. 1, p. 1-21, 2010, p. 18.

absurdo existe e com isso o ser humano continua engajado em formas de resistência para tornar o absurdo mais tolerável.

A pessoa consciente do absurdo e com consciência de sua finitude vive sua vida com atitude de resistência frente ao absurdo. No ciclo do absurdo o autor assinala que o importante é a quantidade não a qualidade. Interessa-lhe viver mais diante da realidade, da maneira pela qual se manifesta, sem aplicar algum sentido ou qualquer recompensa pós-morte. É o fato da pessoa com consciência de que está em meio ao caos, dessa forma enfrenta com toda força e empenho para resistir e prolongar a vida. Dessa forma o escritor absurdo, o artista e a pessoa consciente de sua finitude precisam se empenhar em viver a vida sem qualquer tipo de apelação.

Quero saber se, quando se aceita viver sem apelo, pode-se também aceitar trabalhar e criar sem apelo e qual é o caminho que leva a essas liberdades. Quero libertar o meu universo de seus fantasmas e povoá-lo apenas com verdades de carne cuja presença não possa negar. Posso fazer uma obra absurda, escolher a atitude criativa em vez de outra. Mas uma atitude absurda, para continuar sendo tal, deve manter-se consciente de sua gratuidade. Tal como a obra. Se nela não se respeitam os mandamentos do absurdo, se ela não ilustra o divórcio e a revolta e se sacrifica as ilusões e suscita a esperança, então não é mais gratuita.<sup>136</sup>

De forma singela Camus indica que pelo fato da obra possuir gratuidade é que ocorre o ridículo: é a expectativa e a esperança rompidas em uma obra. Ao ter a consciência sobre o absurdo a pessoa deixa de se apegar aos detalhes e passa a ter despreendimento frente às coisas. É uma pessoa capaz de dizer não e também aquela que não busca um sentido último às coisas, porém é a pessoa que se compromete com o que há de mais valioso em sua vida: a vida por si só.

Portanto, ao analisar Camus, é possível afirmar a importância da criação absurda. O importante também é assinalar a consciência sobre o absurdo. Viver em meio a circunstâncias que impossibilitam o sujeito de criar sentido é a realidade das pessoas que vivenciam a fome, a miséria e a guerra. Por tal motivação, viver de forma resistente é a atitude a ser tomada para não abandonar as possibilidades de restabelecimento frente ao absurdo. Para o autor d' *O mito de Sísifo*, o criador, o sujeito consciente do absurdo e o conquistador possuem possibilidades quantitativas de viver sem apelação. A consciência do caráter insensato do absurdo possibilita viver em meio ao absurdo.<sup>137</sup>

Camus percebe a preocupação imensa das pessoas em ganhar dinheiro e conquistar bens. Por meio desses bens e dinheiro buscam a felicidade. Desse jeito as pessoas podem

---

136 CAMUS, 2019, p. 104.

137 Cf. Ibid.

apelar e se esquecem da consciência sobre o absurdo. Tudo isso impossibilita a visão mais ampla em relação à vida e formas de resistência. A busca incessante pela felicidade culmina em uma vertigem. Além da presença do absurdo na vida das pessoas a busca pela felicidade torna o absurdo mais latente e aparente, porém, a falta de consciência de que o ser humano não estará saciado de buscar bens e dinheiro, culmina na vertigem frente ao absurdo. Tudo isso possibilita cada vez mais apelações e menos resistências. É justamente isso que Camus busca criticar.

Camus retoma a história de Don Juan, a história do conquistador que acaba preso em um mosteiro. N' *O mito de Sísifo* ele assinala que Don Juan “[...] vai aceitar também o próprio destino, satisfazendo-se com uma existência cuja grandeza só vale pela revolta.”<sup>138</sup> A revolta é uma forma de resistência culminada a partir da consciência do absurdo. A aprovação da realidade absurda do próprio destino se dá pela necessidade da paz. É o que o autor caracteriza como a aceitação existencial. O absurdo precisa ser enfrentado e respeitado através da criação dos sujeitos conscientes.

#### 4.2.2 Don-juanismo

Ao analisar o autor acima citado é percebido um vasto conteúdo literário, tanto em ensaios com o desenvolvimento de conceitos, quanto em termos literários com o desenvolvimento de romances filosóficos. O autor apresenta o absurdo de diversas formas, ele não descarta a necessidade de avaliar o absurdo na história de Don Juan. O fato analisado por Camus é o do personagem conquistador, que tem várias namoradas ao longo de sua vida e isso serve de analogia para análise do sujeito absurdo quantitativo.

A intenção do autor é assinalar e desmembrar os motivos pelos quais levam Don Juan a viver de tal forma. O personagem da literatura espanhola não busca diversas relações por falta de amor. O fato de ele ter várias namoradas não faz com que ele não as ame. Ele ama cada diferente mulher de igual forma e tem a necessidade de repetir a experiência. Quando uma relação termina, Don Juan sente necessidade de repetir. É uma incessante busca por sua saciedade. Essa constante busca faz com que ele busque em outras mulheres a mesma experiência.

Don Juan abandona suas namoradas pelo fato de desejar ter a mesma experiência de conquista com outras mulheres, não é por não desejar-las, mas por desejar a conquista. O

---

138 CAMUS, 2019, p. 105.

desejo de conquista é o que motiva Don Juan. N' *O mito de Sísifo*, Camus constata que o personagem da literatura espanhola não é triste pelo fato de não ignorar os fatos absurdos e nem possuir esperança. O personagem ignora a sua tristeza ao reconhecer seus limites e não ultrapassá-los. Os limites são os fatos de que Don Juan é perecível, um dia ele ficará velho e não conquistará mais da mesma forma, outro fato é que a morte é uma fronteira e sua inteligência encontra sua fronteira.<sup>139</sup>

“Esta vida o completa, não há nada pior que perdê-la.”<sup>140</sup> Conforme o absurdo que Don Juan vivencia, a melhor alternativa a adotar é a de não possuir esperança em vida após a morte. Ele escolhe viver a vida da forma que se apresenta. O que o motiva é saber que essa vida lhe é única e as experiências ocorrem no momento em que está vivendo, sem a crença de que após a morte algo o espera. Don Juan é um sedutor diferenciado pelo fato de ser consciente e o importante é a quantidade dos prazeres. O personagem é o sedutor com a intenção de eficácia em seu discurso.

[...] e portanto é absurdo. Um sedutor que adquiriu lucidez não mudará por isso. [...] A característica do homem absurdo é não acreditar no sentido profundo das coisas. Ele percorre armazena e queima os rostos calorosos ou maravilhosos. O tempo caminha com ele. O homem absurdo é aquele que não se separa do tempo. Don Juan não pensa em ‘coleccionar’ mulheres. Esgota seu número, e com elas, sua possibilidade de vida. Coleccionar é ser capaz de viver do passado. Mas ele rejeita a nostalgia, essa outra maneira de esperança.<sup>141</sup>

O absurdo se apresenta em Don Juan pelo fato de ser um homem desprendido da ideia de tempo. Existe uma ligação extremamente forte do personagem com suas experiências e isso o torna uma pessoa com o pensamento quantitativo. Ele possui consciência do que está fazendo e daquilo que ocorre com ele.<sup>142</sup> O tempo o levará ao perecimento e a morte é um acontecimento que ele não escapará. Não é por isso que ele crê em vida eterna ou alguma gratificação após a morte. Conforme Camus Don Juan é o homem absurdo pelo fato de ter consciência do que faz e do que acontece sem alimentar esperanças. O questionamento referente ao absurdo é individual e volta o pensamento sobre as possibilidades que ainda pode usufruir em meio ao absurdo.

O personagem está preparado para perecer, pelo fato de saber que o tempo é quem irá consumir sua existência. Ele não se vê surpreendido pela noção de tempo e pelo fato de ser perecível. Ele admite que a velhice surge na medida em que o tempo passa e constata que “o

---

139 Cf. CAMUS, 2019, p. 75-76.

140 Ibid., p. 77.

141 Ibid, p. 77-78.

142 Cf. Ibid., p. 79.

ridículo *também* está incluído.”<sup>143</sup> O seu destino não é uma punição do absurdo. Don Juan aceita o absurdo e a partir dessa aceitação passa a escolher a vida, mesmo estando no claustro o sedutor encara a realidade e vive abraçado ao absurdo da forma na qual se apresenta.<sup>144</sup>

É possível aproximar Don Juan com Meursault pois compartilham a ideia da multiplicidade de experiências e indiferença da pessoa consciente do absurdo. Através disso os personagens analisados e criados por Camus estabelecem uma espécie de multiplicação da vida diante do contato com a natureza. Possuem a dimensão quantitativa e expansiva das experiências do sujeito consciente do absurdo. A crise dos personagens ocorre nas privações de liberdade dos dois personagens. A partir disso surge a revolta! A privação de liberdade e impossibilidade de extrair ao máximo as experiências lança o sujeito à atitude da revolta frente ao absurdo e privações.

A relação absurda entre o intelecto humano e a realidade, do modo que a apresenta, possibilita o pensamento quantitativo das pessoas diante do pensamento sobre a finitude humana. A qualidade para o personagem é secundária o que importa é a quantidade de experiências passíveis de execução. A ideia do ator e da capacidade de interpretação de múltiplos personagens é fonte de inspiração da experiência absurda, pois esgota toda possibilidade de vivência frente ao absurdo.

A ideia quantitativa referente ao absurdo vai sendo deixada de lado por Camus pelo amadurecimento e autocrítica referente ao próprio pensamento. A partir dessa autocrítica o autor percebe a necessidade de um pensamento voltado a atitudes coletivas de revolta. Na dinâmica da desenvoltura dos escritos do autor identifica-se uma evolução diante do que foi analisado no primeiro ciclo da obra e passa a ser tomado com mais densidade no segundo ciclo de sua trajetória.

Ao ler Camus é possível evidenciar o absurdo denunciado. Unir o mundo e intelecto humano culmina no absurdo, tudo isso pela necessidade que as pessoas possuem por clareza. São questões que permanecem claras, não somente em seus ensaios filosóficos, mas também em seus romances. Na obra *O estrangeiro*, o autor indica traços pelos quais o absurdo se torna latente na vida dos personagens, a partir da indiferença culminada pela consciência em relação ao absurdo.

---

143 Cf. *Ibid.*, p. 79.

144 Da mesma forma que Sísifo se abraça a desgraça da pedra rolar todos os dias até o pé da montanha e Meursault condenado a morte, Don Juan também encara o absurdo e se encontra na situação de consciência. Camus aproxima suas obras das reflexões sobre o absurdo e trás a possibilidade de aproximação com a mitologia, literatura e a realidade por si só.

Os meus olhos ficaram cegos, por detrás desta cortina de lágrimas e sal. [...] Todo o meu ser se retesou e crispei a mão no revólver. O gatilho cedeu, toquei na superfície lisa da coronha e foi aí, com um barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo precipitou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o brilho do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Voltei então a disparar mais quatro vezes contra um corpo inerte, onde as balas se enterravam sem se dar por isso. E era como se batesse quatro breves pancadas, à portada desgraça.<sup>145</sup>

N’*O estrangeiro*, Camus apresenta algo que modifica a vida de Meursault, personagem que comete o assassinato do árabe na praia. Esse homicídio ocorre de forma absurda, a motivação principal é por ter refletido sol em seu rosto. A noção de absurdo dessa forma é apresentada na forma de romance. Dessa maneira é possível aproximar a teoria filosófica da vida dos leitores.

“Tratava-se de um jovem que matara um árabe na praia.”<sup>146</sup> Dessa forma absurda a obra se desenvolve. Em muitas ocasiões, da obra citada, Meursault responde com uma dose de indiferença a fatos importantes e a outros que são espantosos. “Isto não quer dizer nada”<sup>147</sup> Essa expressão é a mais utilizada diante de um posicionamento cobrado ou de uma tomada de decisão. Existe a certa indiferença diante da morte e situações absurdas. O personagem, ao utilizar a fala “[...] isso nada queria dizer”<sup>148</sup>, é com a intenção de destacar as condições absurdas antes e depois da tomada de certa decisão. A consciência impulsiona o sujeito a saber que o absurdo não deixa de existir.

A dinâmica pela qual o autor está preocupado consiste em relacionar o quanto a consciência sobre o absurdo tem importância para vida das pessoas. Camus está preocupado em avançar a própria reflexão, ele destaca que são necessárias atitudes frente às condições pelas quais o ser humano se encontra. Com tal preocupação é possível desenvolver conhecimento sobre a necessidade de consciência sobre o absurdo e a necessidade de atitudes de resistência: a revolta como reação ao absurdo.

### 4.3 A PESTE E A DENÚNCIA DE ALBERT CAMUS

Camus não está preocupado em edificar uma crença religiosa. O autor busca esclarecer as capacidades do homem em meio ao absurdo. Com isso é possível destacar as possíveis consequências do absurdo na vida dos sujeitos. As pessoas estão diante de um mundo repleto de contradições e miséria. Diante disso precisam assumir uma atitude filosófica para viver e

---

145 CAMUS, 1979, p. 223-224.

146 CAMUS, 2014, p. 56.

147 CAMUS, 1979, p. 155.

148 Ibid., p. 203.

encarar o absurdo sem apelações. O absurdo está impregnado na vida das pessoas e diante disso é necessário que haja uma atitude para tornar o absurdo mais suportável.

As pessoas permanecem dia após dia com o fardo da falta de clareza e ordem do mundo. “Já que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez convenha a Deus que não acreditemos nele e que lutemos com todas as nossas forças contra a morte, sem erguer os olhos para o céu, onde ele se cala.”<sup>149</sup> Nessa máxima Camus apresenta os princípios para apostar ao sujeito a capacidade de restabelecer-se sem a necessidade de apelação. Com o apelo o sujeito não ganha respostas para solucionar seus problemas, ele ganha um anestésico. O caminho das apelações, para Camus, é um caminho sem respostas.

Em *Orã* existe a clareza daquilo que é necessário para combater a peste. Algo remete a população a pensar que “era preciso lutar, desta ou daquela maneira, e não cair de joelhos. Toda a questão residia em impedir o maior número possível de homens de morrerem e de conhecerem a separação definitiva. Para isso havia um único meio – combater a peste.”<sup>150</sup> A peste presente na cidade leva às pessoas a tomada de consciência sobre a verdade que assombra as periferias. “Essa verdade não era admirável, era apenas consequente.”<sup>151</sup> Camus, confrontado diante do absurdo, assinala a necessidade de encarar a peste sem apelação. Ela, a peste, é a contradição daquilo que as pessoas almejam. É necessário que haja a tomada de atitude para combatê-la.

Tomar consciência em relação ao absurdo remete o ser humano a lutar pela vida. O ser humano luta pela vida que possui. Camus corrobora no romance a não necessidade de apelar de joelhos por uma vida futura e misericordiosa. O absurdo precisa ser encarado com coragem ao longo da vida, faz parte da vida! Ao deparar-se com a realidade, o ser humano, constata sua absurdidade e toma a atitude de encará-la ou suicidar-se. Encarar o absurdo não é afirmar que ele deixa de existir, mas que a realidade pode ser mais suportável por meio de tal atitude. O homem aceita o absurdo e luta por sua vida. Isso não significa que o mesmo se torna indiferente, porém remete às ações conscientes frente à realidade, a resignação. A vida precisa ser valorizada, independente do absurdo. O seu valor é buscado todos os dias.

Camus é um autor emblemático pelo fato de se preocupar em identificar a representatividade do tempo na vida do ser humano. Na medida em que a vida vai passar a consciência do absurdo amadurece ao ser humano. No final da vida, as pessoas percebem que

---

149 CAMUS, 2014, p. 123.

150 Ibid., p. 127.

151 Ibid.

são espectadoras de seu tempo. A atitude do sujeito pode ser a de criar a sua história em relação ao absurdo. O tempo consome o sujeito até seu fim.<sup>152</sup>

O filósofo franco-argelino considera o suicídio como a fuga do homem de sua relação com o mundo. A relação, do ser humano com o mundo, é uma relação absurda. Ela só encontra seu fim com a morte. Dessa forma n' *A peste* Camus identifica o absurdo como algo que consome a vida das pessoas, faz com que as mesmas definham frente à realidade. O importante é saber qual a atitude necessita ser tomada em meio ao absurdo. O ser humano conclui que o mundo é repleto de incoerências e contradições em relação àquilo que é almejado e projetado.<sup>153</sup> As pessoas vivem uma grande tensão com o mundo, pois possuem uma grande vontade de clareza.

“A vida para o raciocínio absurdo é um bem necessário, porque ela permite a existência dessa tensão, e sem ela o absurdo não teria condições de existir.”<sup>154</sup> N' *O mito de Sísifo* o autor constata que, em meio ao absurdo e ao dilema sobre o suicídio, é necessário escolher a vida e não o suicídio. Pois, diante da escolha sobre o suicídio, o sujeito acaba com o absurdo e com isso também acaba toda e qualquer possibilidade de restabelecimento em meio à situação absurda.

Portanto Camus endossa que, diante do absurdo, o sujeito pode encontrar forças em si mesmo para o enfrentamento daquilo que ele considera ilógico e irracional no mundo. A realidade está repleta de dificuldades que podem paralisar o sujeito. Porém, o sujeito consegue, a partir de suas forças, encontrar métodos para enfrentar o absurdo. Camus entende que não há necessidade de crer em entidade metafísica superior ou vida eterna para conseguir enfrentar o absurdo. É necessário engajamento coletivo, da mesma forma que existe engajamento na obra *A peste*. Os cidadãos necessitam a atitude ética e política para enfrentar a peste que assombra a cidade de Orã.

#### 4.4 SÍSIFO COMO RESPOSTA AO ABSURDO

Camus destaca em suas obras uma proximidade imensa com a mitologia grega antiga. A análise de seus escritos, tanto do primeiro ciclo quanto do segundo, destacam um autor preocupado em oferecer um suporte de leitura da realidade aos seus leitores e

---

152 Cf. SOUSA, Erica Costa. **Nietzsche e outras perspectivas**. 1ª ed., Porto Alegre: Revolução eBooks – Simplíssimo, 2018.

153 Cf. BARRETO, 1962, p. 69.

154 Ibid.

contemporâneos. Com isso surge a necessidade de pensar em símbolos de heroísmo da literatura antiga.

A imagem de Sísifo é destacada por sua ousadia. A audácia do personagem em enfrentar a morte é algo que fascina Camus. A luta absurda e resistente é o que encanta na dinâmica da vida de Sísifo.<sup>155</sup> Sua vida é o espontâneo ato de criação, é movido pela revolta autêntica de ser vivida. Ele nega os deuses e aceita seu destino com resignação e resistência. Apesar do absurdo, o amanhã há de ser um novo dia de enfrentamento consciente às adversidades. Esse personagem não sente a nostalgia em encarar a realidade, sua liberdade faz parte da escolha em enfrentar o absurdo.

Sísifo é destacado por ir até o fundo da existência humana ao ir até o pé da montanha e levar a rocha até o cume.<sup>156</sup> Essa experiência de esgotamento é extremamente aplicada na análise absurda desse personagem. Não é por acaso que o escritor franco-argelino escolhe o herói grego como sinal de resistência e enfrentamento ao absurdo. É pelo conhecimento de todos os riscos de tal estilo de vida que Camus se encanta. É a personificação da revolta a enfrentar a morte.

Deixo Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontrem seu fardo. Mas Sísifo ensina Cf. CAMUS, 2019a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.<sup>157</sup>

Nesse sentido o autor assinala a necessidade de imaginar Sísifo feliz. A condição trágica da situação pela qual o personagem se encontra é de extrema preocupação e análise do autor. Ele assimila a realidade avassaladora pela qual o trabalho inútil é fonte de análise e castigo. Camus assinala que a morte não seria um castigo tão severo para Sísifo quanto estar mergulhado em uma realidade com o trabalho inútil.

Enquanto o personagem rola a rocha ao cume da montanha a realidade absurda é assumida com uma dose de esgotamento.<sup>158</sup> Cada punhado de terra que se fixa na pele de Sísifo é sinal da nova possibilidade que a condição trágica pode lhe oferecer. A partir do momento que a pedra despenca ao pé do morro o personagem depara a sua desgraça a voltar o

---

<sup>155</sup> Cf. NOVELLO, Samantha, **Albert Camus as Political Thinker: Nihilisms and the Politics of Contempt**. Londres: Palgrave MacMillan, p. 86, 2010.

<sup>156</sup> Cf. CAMUS, 2019, p. 124.

<sup>157</sup> Ibid.

<sup>158</sup> HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

próximo dia a repetir a mesma tarefa. A sutileza de Camus está na riqueza do detalhe da mitologia como experiência do absurdo hodierno.

#### 4.4.1 Prometeu enquanto sinal de revolta e resistência

O ciclo da revolta é destacado como sendo o da maturidade de Camus. Nesse período é possível destacar o avanço relacionado ao seu próprio pensamento. O autor destaca um avanço relacionado ao pensamento sobre o absurdo. A realidade absurda necessita remeter as pessoas a uma atitude e tal atitude precisa ser analisada e fomentada. Ele destaca como sendo a atitude da revolta que possibilita o sujeito a resistir. Tal resistência, citada em seções acima, se destaca de forma coletiva por promover engajamento e solidariedade.

A pessoa ao se encontrar solitária, diante da consciência sobre o absurdo, pode encontrar-se solidária a partir da atitude filosófica da revolta. Isso passa da ideia de solidão do ser humano no mundo, mas remete ao pensamento de que não se está só em meio ao caos. O engajamento coletivo possibilita uma resistência coerente frente a direitos violados. Destarte a possibilidade de engajamento é o que interessa Camus e impulsiona a pensar em como tornar claro esse pensamento aos leitores.

Por tal motivo a obra *O homem revoltado* inicia com a presença do mito de Prometeu. Tal mito destaca a realidade pela qual os leitores conseguem imaginar a situação de resistência do personagem rebelde. Prometeu é a revolta personificada e modelo de rebeldia! “Mas não se pode esquecer que o ‘Prometeu portador do fogo’, último termo da trilogia esquiliana, anuncia o reino do revoltado perdoado.”<sup>159</sup> Nessa perspectiva a condição de Prometeu, sendo o portador do fogo remete a energia retirada dos deuses e aplicada às pessoas em virtude do poder da rebeldia provocar revolta.

[...] Os gregos não são vingativos. Em suas audácias mais extremas, continuam fiéis a essa medida, que haviam deificado. O seu rebelde não se volta contra toda a criação, e sim contra Zeus, que é sempre apenas um dos deuses, e cujos dias estão contados. O próprio Prometeu é um semideus. Trata-se de um acerto de contas particular, de uma contestação sobre o bem, e não de uma luta universal entre o mal e o bem. [...]<sup>160</sup>

Conforme assinalado por Camus é possível identificar a disputa do semideus, Prometeu com um dos deuses, Zeus. Essa disputa se caracteriza pela necessidade do semideus de rebeldia perante os deuses. A revolta se caracteriza por uma situação de desconforto diante

---

159 CAMUS, 2017, p, 42.

160 Ibid.

de desigualdades e divergências relacionadas ao espaço e tempo pelo qual ocorre. Não há dúvidas de que os atos de Prometeu são atos de resistência e luta por igualdade. Ao tirar o poder dos deuses existe uma ação extremamente importante do personagem da mitologia grega, ele articula esse poder às pessoas. Não é um ato egoísta de retirada de poder para si, mas sim uma retirada de poder que emana energia para os demais que estão ao seu lado. É o fruto da reflexão absurda que culmina numa revolta para afirmar a humanidade e a necessidade de resistência e luta coletiva.

Prometeu é coerente com sua rebeldia até o fim, pois ela intensifica a reflexão do engajamento coletivo frente à luta contra as desigualdades. A busca ativa do personagem por liberdade e igualdade remete os sujeitos a buscar incessantemente pelo mesmo. Diante do absurdo perceptivo n´*O mito de Sísifo* é possível interpretar a realidade por um viés de inquietação perante a desgraça. Já n´*O homem revoltado* o autor destaca a necessidade de ir além da inquietação e passar para uma ação coletiva de resistência e justiça. Se for para destacar em uma palavra o sentido da obra de Camus, a palavra é justiça! A justiça almejada precisa ser buscada, se um direito existe é por um ato de resistência e é justamente isso que o autor assinala com a mitologia utilizada como chave de leitura à realidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acima elaborada centrou-se em analisar dos temas do absurdo, suicídio, revolta e suas respectivas consequências em Albert Camus. Destacam-se tais conceitos como centrais nas obras do autor franco-argelino. O autor propõe o questionamento ético sobre julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida. Estabelecer a análise de tais conceitos e tal tema é contribuir na elaboração de restabelecimento em frente à vertigem da realidade.

O conceito de absurdo é extremamente relevante, pelo fato de voltar o olhar do filósofo de volta ao indivíduo, não deixando somente os debates filosóficos somente em níveis de abstração. A preocupação do filósofo não deve ser somente com os sistemas abstratos e distantes da vida das pessoas, a filosofia do absurdo se preocupa com o suicídio e a vida hodierna das pessoas. Conforme Camus, o absurdo só se finda com o término da vida, porém ao dar um fim à vida, por meio do suicídio, o sujeito restringe todas as possibilidades de restabelecer-se diante da vertigem ocasionada com o conflito entre intelecto e mundo.

Os objetivos de clarificar, o que são o absurdo, o suicídio e a revolta foram realizados por intermédio da análise sistemática dos escritos do autor, em especial o livro *O mito de Sísifo*. O ensaio dialoga com o romance *O estrangeiro*, no ciclo do absurdo. O escritor analisa o conceito do absurdo e do suicídio de forma individual, com o foco no sujeito e sua subjetividade diante da análise social, econômica e política do século XX, tendo em mente o contexto de guerra, miséria, fome e mortes injustificadas.

O absurdo é o ápice do encontro entre a necessidade de clareza das pessoas, com aquilo que o *cosmos* apresenta por si só. Alcança-se o resultado de assinalar o que o autor define como absurdo. A consciência sobre o absurdo é alcançada por meio do divórcio do intelecto humano com aquilo que o mundo apresenta. De tal forma, o absurdo não cessa de existir. Alcança-se o resultado de que o absurdo passa a ser tolerável a partir da consciência e da necessidade por justiça e engajamento do ser humano.

O autor estabelece uma reflexão sobre a importância da arte diante do absurdo. Estar consciente sobre o absurdo levar ao suicídio ou ao restabelecimento. A arte proporciona suporte ao sujeito consciente do absurdo. Alcança-se, com isso, o objetivo de encontrar na arte um suporte, em relação à opção pela vida. A arte, conforme Camus alavanca novas experiências em meio ao absurdo e à vertigem. Isso reforça do argumento relacionado ao restabelecimento diante do dilema filosófico do suicídio.

A reflexão sobre a arte possibilita uma análise sobre o romance de Dom Juan. Ele considera que o personagem da literatura espanhola caracteriza a consciência e personificação

em relação ao absurdo. A experiência do personagem não é repetitiva. Isso conduz o pensamento do autor a uma busca incessante de novas possibilidades e experiências em meio a consciência sobre o absurdo.

Camus estabelece denúncias a partir de romances e esse é um meio de promover consciência em relação àquilo que oprime a humanidade em sua época. Ele é homem de seu tempo e esse fato o mantém engajado a formar opinião sobre o absurdo. Dessa forma a filosofia se torna cada vez mais associada aos temas pertinentes da realidade cercada de fome, miséria e guerra. A morte prematura é injustificada e isso preocupa Camus a denunciar as diferentes formas de opressão.

Desde a primeira infância o autor é aproximado da realidade absurda. Ele perde o pai, em 1914, em uma batalha em Marne, da primeira guerra mundial. Esses fatos aproximam o autor da realidade absurda pelo fato de crescer em um contexto de guerra e miséria. O autor se interessa em questionar o que leva as nações a promoverem a morte de soldados de forma injustificável. São vidas ceifadas de forma prematura em nome de conflitos políticos, econômicos e hegemônicos.

A pesquisa, acima apresentada, problematiza acerca do tema da revolta como um método de propagação da vida de forma coletiva. A revolta é o resultado da consciência diante do absurdo. Camus corrobora a necessidade de engajamento coletivo diante das adversidades e vertigem ocasionada pelo absurdo. A partir da revolta existe o engajamento coletivo. A passagem de ciclo de pensamento é destacada pelo aprofundamento do tema da revolta como resposta ao absurdo. Na maturidade intelectual de Camus a condição humana solitária passa a ser condição que leva à solidariedade e a luta por direito. Falar de revolta é falar de justiça.

Por meio do uso da mitologia o autor explicita uma aproximação por essa tradição, o que permite-lhe explicitar seu pensamento, suas questões centrais e problemas basilares que busca tratar em seu pensamento. Destacam-se as possibilidades de realização de futuras pesquisas sobre o filósofo tão pertinente. Camus desenvolve uma analogia extremamente interessante sobre os mitos gregos antigos em suas obras. No primeiro ciclo do pensamento sobre o absurdo o autor analisa a condição trágica de Sísifo e aproxima a reflexão absurda da existência do século XX. No segundo ciclo Camus estabelece uma reflexão sobre Prometeu, o semideus rebelde, que possibilita a passagem do poder dos deuses às pessoas. É possível analisar a influência e aproximação do autor franco-argelino com a mitologia grega e as analogias relacionadas à condição trágica da existência.

Camus é um filósofo emblemático e possibilita diversas formas de pesquisa. Uma possibilidade de pesquisa futura se dá sobre a ética da alteridade a partir da revolta. Tal interpretação se dá a partir da análise do segundo ciclo do pensamento do autor na obra *A peste*. Esse romance estabelece uma reflexão sobre o engajamento coletivo em meio a uma epidemia e um dos maiores questionamentos diz respeito ao engajamento coletivo. Tal reflexão é uma forma de alteridade e promoção à vida. Por isso a pesquisa se torna relevante, pelos diversos eixos de ramificações a partir da análise camusiana.

Outra possibilidade de pesquisa se dá na análise dos autores que influenciam o pensamento de Camus e a forma pela qual tais influências possibilitam uma interpretação crítica sobre a sociedade. Camus desenvolve uma filosofia sobre a condição humana e sobre a existência. Com isso é possível analisar as convergências e divergências relacionadas aos movimentos filosóficos de sua época.

O autor franco-argelino, além de filósofo, é um grande literato e considera que o romance é uma ferramenta de formação de consciência. Com isso abre-se a possibilidade de estreitar as fronteiras entre a filosofia e literatura, com o intuito de proporcionar cada vez mais engajamento filosófico com outras formas de fazer filosofia. O conteúdo filosófico presente nos romances do autor é chave de leitura para novas interpretações e contribuições sobre a sociedade.

Em relação à Camus, é importante afirmar que a pesquisa não se finda, devido ao vasto conteúdo bibliográfico produzido em seu curto período de tempo. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é estar diante de um grande dilema filosófico. Esse pensamento leva à determinadas consequências, uma delas é relacionada à pulsão de morte e pulsão de vida. Percebe-se uma possibilidade de aproximação do tema com a psicanálise e as diferentes interfaces relacionadas às pulsões de vida e de morte.

Por fim é possível seguir uma pesquisa relacionada à análise das diferentes áreas de atuação na sociedade. Isso significa analisar a forma pela qual as áreas da saúde, educação, psicologia e psicanálise contribuem com a discussão sobre o suicídio. Dessa forma a pesquisa segue com uma perspectiva qualitativa. Tomando como ponto de partida as contribuições de cada uma das áreas acima citadas.

Além disso, é possível analisar os discursos que impulsionam os pensamentos suicidas. Essa análise contribui para entender os diferentes discursos que servem como “trampolim” para o suicida, ou que até mesmo oprimem o sofrimento do próximo. Essa discussão possibilita uma análise das atuações afirmativas da vida, que agem em forma de

militância e engajamento, e também analisar os discursos contrários que circulam hodiernamente na sociedade.

Esses discursos de opressão podem ser percebidos dentro de um molde que extrapola as áreas da saúde, educação, psicologia e psicanálise, pelo fato de estar ligado aos discursos afirmativos e também aos discursos opressores da vida humana. A promoção de acolhida e a repressão ao sofrimento do outro pode seguir sendo tema de pesquisa para um futuro projeto sobre alteridade e os diferentes discursos relacionados ao suicídio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola, **Dicionário de filosofia**. 6ª edição, tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, R. R. CAMUS LEITOR DE HEIDEGGER: (os limites de uma) proximidade conceitual entre angústia e absurdo. **PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, v. 8, n. 15, p. 76 - 105, 31 jul. 2019.

AURÉLIO, Marco. **Meditações**, São Paulo: Martin Claret, 2ª ed., 2008.

BORRALHO, Maria Luiza. **Camus**. Lisboa: Rés, 1984.

BARRETO, Vicente. **Camus: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1962.

CAMUS, Albert. **A morte feliz**. – 4ª edição – Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **A peste**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

\_\_\_\_\_. **A queda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.

\_\_\_\_\_. **Estado de sítio/ O estrangeiro**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **Lettres a un Ami Allemand**. Paris: Gallimard, 1948.

\_\_\_\_\_. **O Averso e o direito**. [Tradução Valerie Rumjanek]. – 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

\_\_\_\_\_. **O homem revoltado**. 2ª ed., Rio de Janeiro: BestBolso: 2017.

\_\_\_\_\_. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

DELLAGNEZZE, René. O estrangeiro, o existencialismo e a teoria do absurdo, no pensamento de Albert Camus. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, RS, XX, n. 164, set, 2017. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-164/o-estrangeiro-o-existencialismo-e-a-teoria-do-absurdo-no-pensamento-de-albert-camus/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FOLEY, John. **Albert Camus: From the absurd to revolt**. Abingdon – Inglaterra: Routledge. 2008.

FONSECA, Ludmilla Carvalho. O envolvimento e a ruptura de Albert Camus com o pensamento de sua época. **Revista Garrafa** (PPGL/UFRJ), v. Jul/Set, p. 1-20, 2013.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem: mundo, absurdo e revolta** (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sociedade paliativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MCBRIDE, Joseph, **ALBERT CAMUS: philosopher and litterateur**. New York: Palgrave Macmillan, 1992.

NOGARO, Arnaldo. **A questão do absurdo** - Uma reflexão filosófica a partir de Albert Camus, 1991. Dissertação (Mestrado em Filosofia) –Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, janeiro de 1991.

NOVELLO, Samantha, **Albert Camus as Political Thinker: Nihilisms and the Politics of Contempt**. Londres: Palgrave MacMillan, 2010.

OHANA, David, **ALBERT CAMUS: and the critique of violence**. Chicago: Sussex Academic Press, 2016.

ORTEGA, Rubén Maldonado. **Absurdo y rebelión: una lectura de la contemporaneidad en la obra de Camus**. -- Barranquilla: Ediciones Uninorte, reimp. 2010

PINTO, Manuel da Costa (2019) Introdução à edição original. In: CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

RODRÍGUEZ, Luis Antonio Calderón. **Albert Camus: o la vigencia de una utopía**. – Manizales. Editorial Universidad de Caldas, 2004.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção de sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

STEVENSON, David. **1914 1918: A história da Primeira Guerra Mundial – Parte 1: A deflagração**; [traduzido por Valter Lellis]. Barueri, São Paulo, Novo Século Editora, 2016.

ULLMANN, Stephen. **The image in the modern French novel: Gide, Alain-Ournier, Proust, Camus**. New York: Barnes & Noble. 1963.

VANBORRE, Emmanuelle Anne. The Originality and Complexity of Albert Camus's Writings. **Albert Camus's The Fall: The Vertiginous Fall into Language, Representation, and Reality**. New York: Palgrave MacMillan, 2012.

VICENTE, J. J. N. B.; GONTIJO, F. D. . O absurdo e a revolta em Camus. **Revista Trias** - Revista eletrônica online de Filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais, v. 03, p. 01-10, 2011.

VIEIRA, L. A. V. Kierkegaard e Camus: uma análise da melancolia existencial. **Percursos**: Curitiba, v.11, p. 3-14, 2011.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)